



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Influência da identidade *queer* nas representações do "eu" em redes sociais *online*

Ana Beatriz dos Santos

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:

Doutor Tiago Lapa, Professor Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Influência da identidade *queer* nas representações do "eu" em redes sociais *online*

Ana Beatriz dos Santos

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

Orientador:
Doutor Tiago Lapa, Professor Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2023

À comunidade, mas acima de tudo, aos meus amigos queer

Agradecimento

À minha família, que me deu a possibilidade de estudar. Ao David, que acreditou em mim mesmo quando eu não acreditava e que me ensinou o que significa casa. Aos meus amigos, os de casa, da licenciatura e do mestrado – por crescerem comigo. A todos os professores que me fizeram ter gosto em aprender. Ao meu orientador.

Resumo

A produção de conteúdo por parte de utilizadores nas redes sociais *online* (RSO) criou a necessidade de autorrepresentações *online* (Enli e Thumim, 2012). Estudar a utilização dos *media* por parte da comunidade *queer* é relevante, uma vez que os *media* têm um papel importante no aumento da visibilidade LGBTQ+ e consequentemente na propagação de mais direitos (Ayoub e Garretson, 2017). A investigação realizada sobre a utilização das redes sociais *online* feita pela comunidade LGBTQ+ tem-se focado em indivíduos *gay*, deixando por estudar outras orientações sexuais, assim como identidades de género que não correspondem ao sexo atribuído ao nascimento. Este trabalho preenche esta lacuna. Para responder à questão “Como é que a identidade *queer* influencia as representações do ‘eu’ nas redes sociais *online*?”, foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas que posteriormente foram analisadas, comparadas com a pesquisa já existente, e comparadas entre si. Após feito este trabalho, é possível perceber que a comunidade LGBTQ+ procura as RSO para conteúdos de ativismo, experiências pessoais que validem as suas e entretenimento *queer*. As redes sociais *online* são consideradas como uma fonte de apoio quando este não existe *offline*. As primeiras relações com outras pessoas *queer* são por vezes estabelecidas através das RSO, evoluindo em alguns casos de amizades para romances. Os entrevistados gerem as suas representações consoante a rede social, revelando-se mais confortáveis em partilhar esta parte da sua identidade no *Twitter*, em que geralmente não são seguidos por familiares ou conhecidos.

Palavras-chave: *queer*, LGBTQ+, redes sociais *online*, representações do ‘eu’

Abstract

User produced content on online social networks created the necessity for online self-representations (Enli and Thumim, 2012). Studying how the queer community uses media is relevant, since media have an important role on the rising LGBTQ+ visibility and, consequently, on the propagation of more rights (Ayoub and Garretson, 2017). The research done on how the LGBTQ+ community uses online social networks has been focused on gay individuals, leaving behind other sexual orientations, as well as gender identities that are not the same as the sex attributed at birth. This work fills this gap. To answer the question “How does queer identity have an influence on the representations of the self on online social networks?”, 14 semi-structured interviews were made that were later analysed, compared with previous research, and compared between themselves. After this work was done, it was possible to understand that the LGBTQ+ community uses online social networks to search for activism content, personal experiences that validate their own and queer entertainment. Online social networks are considered as a support source when it isn’t available offline. The first relationships with other queer people are often established through online social networks, evolving in some cases from friendships to romances. The participants manage their representations according to the online social network, revealing themselves more comfortable in sharing this part of their identity on Twitter, where they are not followed by family or acquaintances.

Key terms: queer, LGBTQ+, online social networks, representations of the self

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
<i>Abstract</i>	vii
Glossário	xi
Introdução	1
Enquadramento Teórico	5
1.1. Redes sociais online: o que são e a sua importância no quotidiano	5
1.2. A importância das RSO para a construção e desenvolvimento de identidade	6
1.3. Teoria queer aplicada às redes sociais online	12
Plano de Investigação e Métodos	25
Resultados	29
3.1. Apresentação de resultados	29
3.2. Discussão dos resultados	36
3.3. Semelhanças e diferenças entre respondentes	39
Conclusões	41
Referências Bibliográficas	43
Anexo A	47

Glossário

Queer

Termo reclamado pela comunidade LGBTQ+ para abranger qualquer identidade cuja orientação sexual não é heterossexual e/ou a identidade de género não é cisgénero.

LGBTQ+

Acrónimo para lésbica, *gay*, bissexual, transgénero e *queer*. O + é utilizado como reconhecimento de todas as outras identidades não-hétero e não-cisgénero.

Gay

Adjetivo que descreve uma pessoa que sente atração física, romântica e/ou emocional por pessoas do mesmo sexo. No caso de mulheres, por vezes é utilizado o termo “lésbica”.

Bissexual

Adjetivo que descreve uma pessoa que sente atração física, romântica e/ou emocional por pessoas de mais do que um género.

Pansexual

Adjetivo que descreve uma pessoa que sente atração física, romântica e/ou emocional por qualquer pessoa, independentemente da sua identidade de género. Pertence ao espectro da bissexualidade.

Heterossexual

Adjetivo que descreve uma pessoa que sente atração física, romântica e/ou emocional por pessoas de um género diferente do seu próprio.

Não-binário

Adjetivo utilizado para descrever pessoas que experienciam identidade de género fora das categorias binárias de homem e mulher.

Transgénero

Adjetivo que descreve uma pessoa cuja identidade de género difere do sexo atribuído no nascimento.

Cisgénero

Adjetivo que descreve uma pessoa cuja identidade de género corresponde ao sexo atribuído ao nascimento.

Demi-feminino

Adjetivo que descreve uma pessoa que se identifica parcialmente com o género feminino, mas não na totalidade.

Assexual

Adjetivo que descreve uma pessoa que não sente atração sexual e/ou romântica por outras pessoas.

Intersexo

Adjetivo utilizado para descrever uma pessoa com características sexuais fora das conceções de corpos masculinos e femininos.

Introdução

A Data Reportal et al. (2023) determinou no relatório “*Digital 2023 July Global Statshot*” que existem 4.88 mil milhões de utilizadores de redes sociais *online*, representando 60,6% da população mundial. Em média, os utilizadores passam 2 horas e 26 minutos por dia nas redes sociais *online*. A importância de estudar este tópico prende-se com a sua presença pronunciada no quotidiano atual. Estando tão presentes nas nossas vidas, acabam por influenciar a perceção do mundo, uma vez que a comunicação *online* segura “pode ensinar compreensão e atitudes positivas relativamente a outras culturas, assim como acolher aprendizagem sobre o mundo e multiculturalismo”, como explicam Wood et al. (2015) citando Hou et al. (2015). As redes sociais *online* “podem ter um papel na formação de identidade ao permitir a utilizadores jovens experimentar com comportamentos e estilos interacionais diferentes” (Wood et al., 2015, p.163). Neste sentido, os *media* digitais podem ser um ambiente seguro, especialmente para indivíduos de orientações sexuais não-normativas enquadrarem a sua identidade, criarem relações e serem ouvidos, de acordo com Taylor et al. (2014), mencionados por Chu (2017). A descriminalização da homossexualidade aconteceu em Portugal há 41 anos (Gerador, 2022), em 1982, mas a homossexualidade manteve-se até 1990 na “Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde”, criada pela Organização Mundial de Saúde. O primeiro país a legalizar o casamento homossexual foram os Países Baixos, em 2001. Desde esse ano que Portugal reconhece a união entre pessoas do mesmo sexo, mas só em 2010 legalizou o casamento homossexual, deixando ainda muitos direitos pelos quais lutar pela frente. Prova disso é a lei para a criminalização das práticas de conversão sexual que só foi aprovada na Assembleia da República em abril de 2023 (Público, 11 de maio de 2023).

De acordo com a cronologia de direitos LGBTQ+ do *website* Já Marchavas (2023), desde 2018 que é possível a autodeterminação da identidade e expressão de género. Antes dessa data, a lei obrigava à apresentação de um relatório médico que indicasse o diagnóstico de “perturbação de identidade de género” para proceder à alteração de nome e sexo no registo civil. Com esta alteração passou a ser permitido mudar o nome sem ter feito nenhum procedimento médico ou precisar de fazer. A lei garante ainda a proteção de pessoas intersexo, proibindo a realização de procedimentos medicamente desnecessários que alterem as características sexuais a menores de idade. Apesar destes passos no caminho certo, a lei de 2018 não reconhece legalmente identidades não-binárias ou a identidade de pessoas residentes em Portugal que não possuam nacionalidade portuguesa.

Portugal já se encontrou no top 10 do *ranking* de direitos de pessoas LGBTQ+ criado pela Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans e Intersexo (ILGA), mas em 2023 passou para a 11ª posição. A associação acha que o país estagnou em relação à evolução de direitos. A presidente da ILGA Portugal contou ao Público (11 de maio de 2023) que considera que, devido ao avanço da extrema-direita, dificilmente se poderá “avançar em matéria de direitos humanos”. Para a diretora executiva da ILGA-

Europa, o progresso *queer* é “mais importante do que nunca”. Esta dissertação nasce no sentido de dar voz a uma comunidade que nem sempre é ouvida e perceber de que forma se relaciona com as redes sociais *online*.

A comunidade LGBTQ+ representa em média 9% da população mundial, de acordo com a Ipsos (2023). No relatório de 30 países, conclui-se que em Portugal, essa média baixa para 7% e a população não-cisgénero constitui 1% dos habitantes. Embora pessoas *queer* sejam cada vez mais objeto de estudo, a investigação feita dá prioridade à orientação sexual, deixando, por vezes, de parte identidade de género. A visibilidade LGBTQ+ portuguesa é dividida em 38% para pessoas *gay*, 21% para bissexuais, 7% para transgénero e 4% para pessoas não-binárias.

O contacto com a comunidade LGBT através dos *media*, que se reflete no aumento de visibilidade, consegue diminuir o preconceito contra a comunidade, de acordo com Ayoub e Garretson (2017), que mencionam o trabalho de Riggle et al. (1996) e Schiappa et al. (2006). Segundo Kollman (2007) citado por Ayoub e Garretson (2017), “a globalização da ideia de uniões do mesmo sexo enforteceu como uma norma internacional que molda – embora de maneiras diferentes, de acordo com o contexto doméstico – as políticas de direitos de parceiros em vários estados”. Os autores destacam o papel dos *media* como canais para a interação na sociedade e eventualmente “a difusão de novas normas”. Neste sentido, é relevante estudar como o aumento da visibilidade LGBT, que se refletiu em mais igualdade de direitos, se reflete no uso dos *media* feito pela própria comunidade.

De acordo com o Relatório de Discriminação da ILGA de 2019 (2020), a idade média das vítimas de discriminação denunciada é de 27 anos, com cerca de 38% das vítimas com idade compreendida entre 18 e 34 anos. Em 161 denúncias, a maior percentagem acontece na rua (15.53%), seguida de incidências *online* (14.29%).

A pergunta base desta dissertação é “*Como é que a identidade queer influencia as representações do ‘eu’ nas redes sociais online?*”. Do objetivo de compreender o papel da identidade *queer* nas representações do próprio *online*, surgem outros subsidiários. Procura-se entender o que os indivíduos *queer* publicam sobre a comunidade e com que conteúdo interagem, de que forma se apresentam, o que os torna mais ou menos dispostos a assumirem-se como *queer* nas redes sociais, as diferenças e semelhanças no uso das redes sociais entre as diferentes identidades LGBTQ+ e que tipo de relações formam na comunidade *online*.

De forma a desenvolver esta pesquisa, esta dissertação começa com um enquadramento teórico, que serve de orientação para a pesquisa. Dentro desta secção será feita uma discussão sobre o que se entende por redes sociais *online*, a relação entre o conceito de identidade com a utilização de RSO e elementos da teoria *queer* aplicada ao uso das RSO, particularmente sobre a influência e gestão desta parte na identidade dos indivíduos LGBTQ+ na forma como usam as redes sociais *online*. Na segunda parte desta dissertação será justificada a metodologia escolhida, a pergunta de partida e as suas subsequentes. De seguida, são apresentados os resultados das entrevistas feitas a indivíduos *queer* e a

discussão dos mesmos com base no enquadramento teórico previamente referido. Na parte final, são apresentadas as principais conclusões da dissertação.

Enquadramento Teórico

1.1. Redes sociais *online*: o que são e a sua importância no quotidiano

As redes sociais *online* integraram as rotinas diárias de milhões de pessoas, de acordo com Data Reportal et. al (2023). Além de estimular as relações pré-existentes, conectam desconhecidos com base nos seus interesses, visões políticas ou identidades partilhadas. Boyd e Ellison (2007, p.211) definem sites de redes sociais *online* como serviços da *web* que permitem aos indivíduos “(1) construir um perfil público ou semipúblico dentro de um sistema, (2) articular uma lista de outros utilizadores com quem partilham uma conexão, e (3) visualizar e atravessar a sua lista de conexões e as listas feitas por outros dentro do sistema”. O facto de as listas de redes serem visíveis para outros utilizadores, faz com que se possam criar conexões que de outra forma não existiriam.

Com o uso generalizado das RSO, segundo Enli e Thumim (2012, p.87-88), o papel da audiência “deixou de ser somente de espetador, mas agora inclui produzir, espectral e socializar”. Por exemplo, o *Facebook*, analisado pelos autores, tornou-se uma forma popular de socialização e “no processo de socialização, os participantes têm de construir autorrepresentações”. Este tipo de *websites* medeiam os processos de socialização e demonstração de identidade, que outrora pertenceram à esfera privada e não-mediada. As comunidades *online* “combinam características dos *mass media* com características de *media* pessoais”.

Para Miller (2017), uma rede social *online* é caracterizada por ser uma plataforma onde os utilizadores com acesso à *Internet* podem partilhar conteúdo e expressar opiniões e em que ocorrem processos de comunicação e interação sem limite de tempo ou espaço. Algumas das desvantagens do uso de redes sociais *online*, para o autor incluem “a divulgação de informação pessoal podendo levar a perseguição, violência e *cyberbullying*” assim como a associação com possível “stress psicológico, incluindo sentimentos de solidão, depressão e inveja” (Miller, 2017, p.510). Estes são aliás problemas que podem atingir com maior probabilidade os indivíduos LGBTQ+, como assinalam os estudos de Wiederhold (2014) e Abreu e Kenny (2018). Enquanto algumas redes sociais *online* requerem uma confirmação bidirecional de amizade, outras criam laços unidirecionais através de ‘seguidores’. De acordo com Boyd e Ellison (2007), dentro das redes sociais *online*, é comum encontrar grupos que se uniram devido à sua nacionalidade, idade, nível de educação ou outros fatores, como a orientação sexual, que podem constituir elementos de segmentação da sociedade.

As novas tecnologias permitem, segundo Gündüz (2017, p.87), um ambiente de liberdade e personalização, que contrasta com a restrição imposta pelos *media* tradicionais. As RSO permitem que os utilizadores “partilhem as suas opiniões, emoções e pensamentos sem a prática de censura”. Assim, os indivíduos procuram por outros que partilhem os mesmos sentimentos e constituem uma comunidade de pessoas semelhantes.

Enli e Thumim (2012, p. 98) consideram que uma das características da autorrepresentação mediada no *Facebook* é o foco no aspeto individual do próprio. As histórias sobre si mesmos são contadas na rede social “em serviço de socializar, comunicar em rede, manter o contacto”. Todos os aspetos são vistos como individuais, por exemplo “a imagem que te representa, hoje, neste estado de espírito, neste momento”.

Zhao et al. (2008, p.1824) perceberam que os inquiridos no seu estudo sobre o *Facebook* usam esta RSO para procurar amizades e/ou relações, sugerindo que “estão interessados em se apresentar a uma audiência que vai para além dos seus amigos ou conhecidos”. Numa tentativa de conhecer pessoas novas, os utilizadores podem partilhar contactos e informação pessoal nas suas contas, disponíveis para pessoas que não conhecem. Também aqui, Varjas et al. (2013), assinalam que os indivíduos LGBTQ+ que participaram no seu estudo viam como vantagem das RSO a possibilidade de encetar encontros face-a-face com pessoas que não conheciam antes e com quem desejavam estabelecer um relacionamento significativo, apesar dos riscos. No entanto, Zhao et al. (2008, p.1824) apontam igualmente que os indivíduos, em geral, restringem a informação que partilham, optando por não divulgar contactos *offline*, como a morada. Assim, os indivíduos questionados viam a rede social como “uma forma de conhecer outros *online*, que pode ou não levar a encontros *offline*”. Quanto aos indivíduos LGBTQ+, Varjas et al. (2013), indicam que é necessária mais pesquisa para perceber melhor estas dinâmicas nestas pessoas.

1.2. A importância das RSO para a construção e desenvolvimento de identidade

Fearon (1999) distingue várias definições do conceito de identidade, que se podem dividir entre aquelas que se referem à ideia que as pessoas mantêm sobre si próprias e as que veem a identidade como social. Se por um lado autores como Hogg e Abrams (1988; como citado por Fearon, 1999) se referem à identidade como “o conceito de quem as próprias pessoas são, que tipos de pessoas são e como se relacionam com os outros”, Wendt (1994; como citado por Fearon, 1999) considera as identidades sociais como “um conjunto de significados que um ator atribui a si próprio enquanto tem em consideração a perspetiva dos outros”. A definição do termo identidade não é unânime na academia. O artigo de Fearon (1999) reflete sobre isso, apontando o que falta em várias definições para que reflitam a multiplicidade do termo. Para Fearon (1999, p.9), a identidade “não é o mesmo que os sentimentos

sobre o próprio, caráter, objetivos ou origens, mas sim algo sobre a definição de si próprio, do seu caráter”. No entanto, reconhece que nenhuma definição curta “consegue cobrir adequadamente todos os usos” do termo. Na perspectiva da identidade social, o autor explica que a identidade distingue uma categoria social, definindo um grupo de pessoas por uma característica em comum utilizada pelas próprias pessoas ou por outros, como é o caso de nacionalidades ou orientações sexuais. Por outro lado, a identidade pessoal é vista como “um conjunto de atributos, crenças, desejos ou princípios de ação que uma pessoa pensa que a distinguem em maneiras relevantes socialmente e (a) dos quais a pessoa se orgulha; (b) a pessoa não se orgulha particularmente, mas orientam o seu comportamento, de forma a que sem eles não saberia como agir ou o que fazer; ou (c) a pessoa sente que não conseguiria mudar mesmo que quisesse” (Fearon, 1999, p.11).

Goffman (1963, p.4) considera que o termo estigma contém uma dupla perspectiva: “o indivíduo estigmatizado assume que o que o torna diferente já é conhecido ou evidente no momento, ou assume que não é conhecido pelos presentes nem imediatamente perceptível?”. O primeiro caso trata-se de uma situação desacreditada, enquanto no segundo de uma situação desacreditável. Existe uma diferença importante entre os dois, mas “um indivíduo particularmente estigmatizado provavelmente tem experiências com ambas as situações”.

Três tipos de estigma são distinguidos por Goffman (1963, p.4-5) – deformações físicas; características individuais vistas como, falta de vontade, crenças rígidas e desonestidade, paixões não-naturais, em que está incluída a homossexualidade; e estigma tribal, que é transmitido entre gerações, como é o caso de raça, nação ou religião. Em todos estes casos, o indivíduo estigmatizado possui uma característica que pode “afastar os que o conhecem”.

A antecipação de encontros com pessoas diferentes tem “consequências maiores nos estigmatizados”, podendo levar ao autoisolamento, que se pode tornar “suspeito, deprimido, hostil, ansioso e confuso” (Goffman, 1963, p.12-13). O indivíduo estigmatizado “pode sentir-se inseguro em relação a como os normais o irão identificar e receber”, o que o pode levar a sentir-se “autoconsciente e a calcular a impressão que está a deixar”. Estas pessoas encontram conforto noutros que partilhem o seu estigma. Ao ter o mesmo estigma podem providenciar “apoio moral e o conforto de se sentir em casa, à vontade, aceites como pessoas como todas as outras” (Goffman, 1963, p.20).

Enli e Thumim (2012), como mencionados por Chu (2017), consideram que as redes sociais *online* “mediatizam e institucionalizam socialização pessoal e processos de demonstração de identidade, que costumavam pertencer aos reinos não-mediados e pessoal”. As identidades que surgem em situações não-anónimas são diferentes das que surgem em contextos anónimos, como reportam Zhao et al. (2008), referidos por Chu (2017). Os autores concluíram que os utilizadores do *Facebook* “declaram maioritariamente as suas identidades implicitamente em vez de explicitamente; eles ‘mostram em vez de dizer’”.

Van Dijk (2013), mencionado por Chu (2017), indica que enquanto o *Facebook* se concentra em melhorar a autorrepresentação pessoal, o *LinkedIn* se foca na autopromoção profissional. Esta conclusão leva a questões como “De que forma é que as identidades públicas são formadas através das interfaces das plataformas? De que forma é que estas características restringem e permitem a formação de uma personalidade pessoal profissional? E quais são as consequências da conectividade forçada e igualdade descritiva nas identidades *online* dos indivíduos?”

A identidade é definida por Zhao et al. (2008) que citam Altheide (2000) como a parte do próprio pela qual os outros nos reconhecem. Assim, para os autores, com base em Stone (1981), a construção de identidade é um processo público que contempla “a anunciação da identidade” feito pelo indivíduo, assim como a “colocação de identidade” feita pelos outros que reconhecem a sua identidade. Uma identidade considera-se estabilizada quando existe “uma coincidência de colocação e anunciação” (Zhao et al., 2008, 1817).

Neste sentido, a *Internet* trouxe mudanças ao paradigma da produção de identidade, segundo Zhao et al. (2008, p.1817), uma vez que “o corpo está desassociado dos encontros sociais”, o que permite que os indivíduos possam interagir sem revelar as suas características físicas. Além disso, mesmo em situações em que se demonstram características audiovisuais, “a anonimidade pode ser mantida através da retenção de informação sobre o seu passado pessoal, tais como nome, residência e afiliação institucional”.

A anonimidade permite que as pessoas se representem com uma identidade diferente da “real”, conseguindo assim “recriar a sua biografia e personalidade”, passando por um processo de reinvenção. A eliminação das características físicas neste cenário torna possível a construção de identidades desejadas para pessoas desfavorecidas, que não têm oportunidade de o fazer em situações *offline*. Assim, o ambiente *online* emergente admite a expressão dos “eus escondidos” e a exploração de “identidades não-convencionais”. A anonimidade *online* não é garantida. Em redes sociais *online*, os indivíduos podem escolher partilhar informações reais, como o seu nome legal e residência, o que torna estes espaços “nónimos” como restritivos da “liberdade das reivindicações da identidade”, como afirmam Zhao et al. (2008, p.1818). No entanto, “a *performance* de identidade ocorre mesmo em sítios onde os indivíduos são totalmente identificáveis”, que podem ou não conformar com as normas sociais estabelecidas.

As identidades produzidas em *websites* de encontros, de acordo Zhao et al. (2008), diferem das identidades produzidas em situações *offline*, uma vez que as pessoas tendem a “esticar a verdade” nas suas autorrepresentações *online*. Isto pode ser feito através da seleção de certas fotos para esconder características físicas, escrita de descrições que escondem ansiedades sociais, ou utilização da comunicação assíncrona para ter tempo para a criação de uma *persona* atrativa.

Os *websites* de encontros permitem declarações de identidade públicas “que não fariam normalmente *offline*”, como indicam Zhao et al. (2008, p.1820). Estas declarações de identidade são definidas como “anúncios públicos de reivindicação de identidade, que podem ser feitos explicita ou implicitamente”. Os anúncios explícitos “tomam frequentemente a forma de descrições autobiográficas”, enquanto os implícitos se baseiam nas impressões dos utilizadores, conseguidas através da afiliação com certos grupos ou *hobbies*. A produção de identidade *online* permite a exposição do “eu” que as pessoas esperam tornar. Ao pensar como isto se aplicaria ao *Facebook*, os autores percebem que a rede social incentiva performances direcionadas ao bloquear o acesso de certos utilizadores a determinadas partes do seu perfil. Assim, Zhao et al. (2008) preveem que quem utiliza o *Facebook* ajuste as suas apresentações *online* para audiências particulares.

Zhao et al. (2008, p.1824) distinguem um “contínuo de modos de autorrepresentação no *Facebook* desde afirmações de identidade implícitas a explícitas”. As afirmações mais implícitas são visuais, incluindo fotografias e imagens publicadas pelos utilizadores ou pelos seus amigos na conta do utilizador. Na investigação realizada pelos autores, a média de fotos publicadas é de 88,4 e entre 90,5% e 95,2% publicam fotos no perfil. Um terço dos inquiridos limita o acesso do público a álbuns de fotos mais privados. Esta projecção visual criada pela partilha de fotografias de amigos pode ser vista como “o eu como ator social”. Os utilizadores criam assim afirmações implícitas “destinadas a gerar as impressões desejadas nos seus visualizadores especialmente em termos de profundidade e extensão dos seus laços sociais”. As afirmações explícitas passam pelas descrições verbais que os utilizadores fazem de si próprios, com base nos seus interesses e preferências.

O “eu cultural”, explicado por Zhao et al. (2008), inclui as preferências e gostos enumerados no perfil do utilizador, que o mesmo considera que o definem. O *Facebook* tem uma secção onde os utilizadores podem contar aos outros sobre os seus *hobbies* e interesses, incluindo atividades, citações, filmes, música, livros e séries. Apesar da rede social ter passado por inúmeras alterações desde que a investigação dos autores foi feita, existe espaço para identificar os gostos do utilizador em termos de desporto, música, cinema, televisão e literatura. O “eu cultural” está, para os autores, entre as afirmações implícitas e explícitas, uma vez que, embora mais explícito que fotos, continua a ser indireto.

O terceiro modo de afirmações de identidade elucidadas por Zhao et al. (2008) inclui as descrições explícitas do próprio utilizador. Para isto, os utilizadores podem utilizar a secção “sobre mim”, onde podem escrever uma autodescrição para se dar a conhecer a quem vir o seu perfil. Apesar de 67% dos inquiridos partilhar uma descrição sobre si próprios, os autores descobriram que esta categoria é a estratégia de identidade menos elaborada, com 54,8% dos respondentes a partilhar apenas uma ou duas frases curtas. Zhao et al. perceberam então que, entre os envolvidos na sua investigação, as afirmações implícitas são preferidas em contraste com as explícitas. Os utilizadores preferem partilhar fotos, seguindo-se as listas de preferências culturais e deixando para último a secção “sobre mim”.

Os utilizadores criam uma “identidade orientada pelo grupo” no *Facebook*, segundo Zhao et al. (2008, p.1827). A maioria dos inquiridos no seu estudo opta por utilizar fotografias de capa em que não mostram a cara ou em que estão acompanhados por amigos. Além disso, a maioria das imagens que publicam são fotos com amigos, geralmente a divertir-se. A rede social apresenta ainda o número de amigos de cada utilizador, evidenciando as ligações sociais.

Outra identidade criada no *Facebook*, como mencionam Zhao et al. (2008, p.1828), baseia-se na abrangência dos seus *hobbies* e interesses. A inclusão de desportos, artes, viagens e socialização com amigos na sua lista de interesses pretende “criar uma imagem desejável de um indivíduo abrangente, sociável e divertido”. A terceira identidade identificada pelos autores relaciona-se com a projeção de consideração pelos outros, realizada através de citações. Os inquiridos utilizam uma média de 4.3 citações no seu perfil, que são na sua maioria reflexões sobre a vida ou o desejo de controlar o seu próprio destino. As citações são motivadoras “transmitindo uma atitude positiva perante a vida”.

As identidades criadas no *Facebook* baseiam-se no que os utilizadores esperam ser, mas ainda não conseguiram alcançar no mundo *offline*, como estabelecem Zhao et al. (2008, p.1828-1829). Assim, a rede social serve de “veículo que empodera os utilizadores a produzir identidades socialmente desejáveis que presumidamente não são capazes de produzir *offline*”. A mediação tecnológica “cria uma sensação de liberdade que encoraja a expressão limitada de algum tipo de ‘eu escondido’”. Os autores perceberam que as expressões de orientações sexuais que não hétero são raras. Apesar de alguns dos entrevistados pelos autores se considerarem bissexuais, essa informação não é partilhada nos seus perfis. Este fator sugere “a presença de pressão social e um nível de censura” (Zhao et al., 2008, p.1830), que não costuma ser experienciado em situações *online* anónimas. Por outro lado, a heterossexualidade é expressa abertamente na rede social.

As redes sociais *online* permitem “a expressão, exploração e experimentação de identidade”, segundo Gündüz (2017, p.85). A importância acrescida das redes sociais *online* nas vidas dos utilizadores, assim como a reflexão que permitem da posição na vida social virtual e física, fazem com que as pessoas “interpretem certas personagens na arena social”. Os indivíduos apresentam-se da forma como querem ser vistos, o que os ajuda a conectar e interagir com outras pessoas. Para o autor isto pode ter desvantagens, uma vez que impõe aos indivíduos uma necessidade de planear todas as suas ações como se fossem uma espécie de *performance* que está continuamente a ser vigiada.

Dentro das redes sociais *online* estão incluídos sites de redes sociais *online* (*Facebook*, *Twitter*), aplicações de *smartphone* (*Instagram*, *Snapchat*) e sites de partilha de conteúdo (*Youtube*). O uso destas redes permite aos indivíduos “criar imagens múltiplas de si mesmos através de perfis, *blogs*, conversas, fotos e vídeos, criando impressões que podem ou não alinhar com a forma como são vistos por outros (ou como se veem a si próprios) *offline*”, segundo Miller (2017, p.510). Assim, estas atividades podem permitir “compreender o senso próprio e a construção e gestão de várias identidades sociais”.

De acordo com Miller (2017), as redes sociais *online* podem servir para decidir e demonstrar identidades, relações e visões do mundo. O autor cita Maczewski (2002) que afirma que a anonimidade, interatividade e conectividade impulsionam relações que podem beneficiar os mais jovens. Então, segundo Miller, os indivíduos podem sentir necessidade de controlar as impressões que os outros têm de si, realçando certos aspetos sobre si próprios. O uso das redes sociais *online* permite a criação de identidade, que é um processo contínuo que permite uma melhor compreensão de si próprio.

Enli e Thumim (2012, p.99) defendem que para participar nas redes sociais *online*, os indivíduos não conseguem evitar criar representações deles próprios. Isto faz com que a socialização esteja interligada com o processo de criar autorrepresentações. Os autores distinguem o *Facebook* como uma ferramenta que encoraja a partilha de fotos de si próprio, criando assim representações do “eu”. Além disso, consideram importante questionar a interação das representações com os *media* dominantes – “desafiam-nos? Mantém-nos? Alteram-nos?”

Miller (2017) refere o estudo de Tompkins (2011), em que participaram pessoas cisgénero com parceiros trans. Notou-se que “as linhas entre real/não real, facto/ficção, público/privado, verdadeiro/falso, *online/offline* estão a dissipar-se à medida que as tecnologias da *Internet* infiltram o nosso quotidiano”. Assim, as redes sociais *online* permitem “estar em espaços em que não conseguíamos estar antes, colapsando distância geográfica”, o que permite encontrar pessoas semelhantes que de outra forma não era possível conhecer.

Para Illouz, como citado por Orgad (2012), citado por Chu (2017), a *Internet* é uma “plataforma para múltiplas autorrepresentações que enfatizam especialmente o “eu” como um alvo que pode ser interpretado através de textos que são classificados, exprimidos e demonstrados publicamente”. A distinção entre autorrepresentação *online* e pública tornou-se vaga, segundo Orgad (2012), mencionado por Chu. A vida privada passou a ser exibida em público, e as pessoas sujeitam-se a ser “objetos de examinação e a participar num trabalho de autoexaminação complicado e contínuo que contém dar nome, apresentar, discutir, debater, negociar e explicar os seus sentimentos” (Chu, 2017, p.17). As representações nos *media* tradicionais e na *Internet* constituem recursos simbólicos que vão influenciar a compreensão das próprias vidas e do mundo. A criação das próprias representações permite “narrar para nós próprios e para os outros quem somos”.

Segundo Chu (2017, p.20), a capacidade de compreensão do próprio depende da noção do que não somos. A auto-compreensão e “a maneira como nos representamos baseia-se na forma como imaginamos os outros”. O papel da identidade nos *media* varia consoante “as dimensões sociais e arquiteturais do meio”. Nas redes sociais *online*, a identidade é composta por aquilo que é possível transmitir em texto e imagem.

De acordo com Foucault, citado por Chu (2017), “as pessoas são quem são como resultado dos discursos que produzem que, por sua vez, os produzem a elas”. O discurso é constituído por linguagem, comunicação não-verbal e imagens visuais, segundo Chouliaraki e Fairclough, mencionados por Chu (2017), que cita Jones e Holmes (2011).

Enli e Thumim (2012, p.100) identificam alguns dos desafios da prática de autorrepresentação no *Facebook*. O primeiro baseia-se na inabilidade de controlar as representações do próprio, uma vez que estas “se alteram proliferamente e são alteradas pelos outros”, o que torna os indivíduos “vulneráveis aos retratos dos outros”. A socialização e autorrepresentação na rede social “requer literacia mediática”, que pode ajudar a “controlar as próprias representações”. Os autores mencionam Corner (1994) que considera necessária uma “estratégia de representação”. Outro desafio, já presente noutros tipos de media, é o poder institucional que pode estar escondido e, embora possa estar aberto a negociações, “os interesses comerciais estão sempre a espreitar no fundo, relembrando que estamos a presenciar novas versões de problemas antigos em relação ao tópico da representação”.

As representações do “eu” são impossíveis de escapar, segundo Enli e Thumim (2012, p.101), uma vez que “nós descrevemo-nos na linguagem oferecida pelo *Facebook*. Seleccionamos uma foto de perfil. Fornecemos informação pessoal sobre nós próprios. [...] Representamo-nos utilizando a linguagem e enquadramento do *Facebook*”. Apesar de ser possível protestar, “brincando com o ‘formato’, mostrando que somos críticos”, publicar fotografias de outras pessoas e nomes falsos, ou criar representações com outras imagens, de animais, paisagens, família, o indivíduo estará sempre a criar algum tipo de autorrepresentação.

1.3. Teoria *queer* aplicada às redes sociais *online*

Os *media* são usualmente “o primeiro sítio em que as pessoas se deparam com identidades LGBTQ”, como afirma Chu (2017, p.5). Na sua tese, Chu menciona Gray (citado por Mcinroy & Craig, 2016) que considera que os *media* servem como “o principal sítio de produção de conhecimento social relacionado com identidades LGBTQ”. Embora este seja um tema que tem vindo a ser cada vez mais estudado, Chu considera que a maioria da investigação se centra na formação de identidades em plataformas que permitem anonimidade e que ainda há trabalho a fazer no estudo da construção de identidades entre minorias sexuais sem anonimidade *online*, como é o caso das redes sociais *online*. Além disso, o autor destaca que não tem sido dada atenção ao enquadramento de identidades LGBTQ+ nos *media* digitais. Nesse sentido, é útil estudar os próprios *media* – neste caso, as RSO – para refletir sobre estas identidades. O estudo da teoria *queer* relacionada com os media permite perceber que trabalho já foi feito neste sentido.

Segundo Taylor, Falconer e Snowden (2014), como referidos por Chu (2017), os *media* digitais “oferecem um ambiente seguro especialmente para quem tem orientações sexuais não-normativas construir relações e redes e fazer as suas vozes – que muitas vezes são silenciadas *offline* – ouvidas”. De acordo com Chu (2017, p.15), a representação LGBTQ+ difere de acordo com o tipo de *media*, sendo mais autêntica em redes sociais *online*, uma vez que se trata de representações dos próprios indivíduos. Estas representações influenciam a compreensão que a sociedade tem da comunidade LGBTQ+, o que “direciona e forma as *performances* e comportamentos individuais”.

Os indivíduos *queer* utilizam menos a *Internet* para tópicos LGB¹ depois de se assumirem, segundo Szulc e Dhoest (2013, p.347). Os resultados do seu estudo sugerem que “a identidade sexual se torna um tópico menos saliente em termos de utilização diária da *Internet* depois de se assumirem”. Plummer (1995, como citado por Szulc e Dhoest, 2013) considera que o processo de se assumir permite que a pessoa *queer* “desenvolva um sentido de identidade consistente e integrado”. Os autores consideram que a *Internet* é especialmente utilizada pelos jovens LGBTQ+ que estão a batalhar com a sua identidade sexual.

A *Internet* é considerada por muitos autores como benéfica para as minorias sexuais. Szulc e Dhoest (2013, p.349) destacam o aumento de histórias em que as pessoas se assumem como *queer*, a quantidade de informação relacionada com a comunidade LGBTQ+ disponível *online*, o facto da *Internet* ser vista como um espaço seguro para interações sociais com pessoas semelhantes, a liberdade geográfica obtida e a inclusão de pessoas “mais velhas, mais escuras, mais gordas ou portadores de HIV”. Além disso, a *Internet* permite a exploração de identidades sexuais, “quebrando barreiras de identidades e descobrindo novos desejos *online*”.

No processo de se assumir como *queer*, os indivíduos passam por 3 fases principais em que usam a *Internet*, como mencionam Braquet e Mehra (como citado por Szulc e Dhoest, 2013). Na primeira, as pessoas pertencentes à comunidade LGB utilizam a *Internet* para explorar “as realidades da orientação sexual ou tópicos de identidade de género”. Na segunda fase, os indivíduos *queer* partilham as suas experiências e informação com os outros *online*. Por fim, procuram por nova informação que permita “integrar completamente a sua orientação sexual e identidade de género com todas as outras partes e dimensões das suas vidas”.

¹ Ao referir o trabalho de Szulc e Dhoest (2013), é utilizada a sigla LGB (Lésbicas, gays e bissexuais) em vez de LGBTQ+, pois os autores apenas se referem a esta parte da comunidade *queer* no seu estudo.

A anonimidade é apontada como um fator chave para a utilização da *Internet* no processo de se assumir. Woodland (2000; como citado por Szulc e Dhoest, 2013) afirma que “o ciberespaço se tornou uma espécie de “terceiro” espaço distintivo para pessoas *gays* e lésbica [...] combinando a socialidade conectada de um espaço público com a anonimidade do armário”. Para Driver (2007; como citado por Szulc e Dhoest, 2013), a vantagem da *Internet* é a possibilidade de alternar entre a anonimidade e a divulgação, o que cria “espaços flexíveis para os jovens explorarem o processo de se representarem como *queer*”.

A última vantagem da *Internet* apontada por Szulc e Dhoest é a autenticidade das representações LGB em comparação com as imagens fictícias de outros *media*. Mitra (2004; como citado por Szulc e Dhoest, 2013) considera que “o conteúdo *web* é mais autêntico não só quando é sobre um grupo de minoria específico, mas também criado pelo próprio grupo”. Assim, a *Internet* facilita a autorrepresentação feita por indivíduos LGB, para os quais a representação feita por outros é insignificante (Gudelunas, 2012; como citado por Szulc e Dhoest, 2013).

Poucos são os autores que escrevem sobre os efeitos negativos da *Internet* no processo de se assumir como *queer*. Exemplo disso é Sender (2012; como citado por Szulc e Dhoest 2013) que continua cética em relação ao “investimento ideológico no progresso”, que sugere que os *media* mais novos vão produzir representações mais fidedignas que vão, consequentemente, criar pessoas *gay* mais felizes e integradas socialmente. Barnhurts (2007; como citado por Szulc e Dhoest, 2013) vê a experiência de se assumir como “uma promessa dupla de liberdade e riscos de exposição”. Alexander e Losh (2010; como citado por Szulc e Dhoest, 2013) receia que os vídeos de saída do armário publicados no *YouTube* possam provocar respostas heteronormativas, que podem fazer com que o *website* censure a informação partilhada nos seus servidores. Existem ainda autores como Wiederhold (2014) e Abreu e Kenny (2018) que alertam para os riscos associados ao *cyberbullying*, que afeta particularmente a comunidade *queer*.

Ao estudar pessoas *gay* e bissexuais, Szulc e Dhoest (2013) descobriram que 60,1% das pessoas utilizam redes sociais *online* diariamente. A procura de informação sobre LGB acontece regularmente para 40,4%. Também utilizam a *Internet* para visitar *websites* de associações LGB (37,8%), comunicar com outras pessoas da comunidade (33,2%) e procurar um parceiro (16,1%). Os autores destacam então a procura de informação e a interação social como as principais razões para utilizar a *Internet* para assuntos relacionados com a identidade LGB.

Szulc e Dhoest (2013, p.356) notam também que todas estas atividades estão mais presentes antes ou durante o processo de sair do armário. Uma das entrevistadas do estudo destes autores afirma que a procura de informação acontece durante o processo de descoberta, considerando que “na altura não se sabe nada e depois encontra-se informação”. Outro dos entrevistados admite que visitava *websites* de pornografia antes de sair do armário para ter acesso a informação sexual. Revela ainda que aprendeu “como ter relações sexuais *gay* através da *Internet*”, uma vez que durante as aulas de educação sexual não abordavam estes tópicos.

A análise de Szulc e Dhoest (2013, p.355) revela diferenças no uso da *Internet* consoante as idades. Os indivíduos com menos de 30 anos utilizam mais a *Internet* antes e durante o processo de se assumirem como *queer*, o que pode ser explicado pela sua “exposição à *Internet* durante a adolescência”. Depois de sair do armário, continuam a ser as pessoas mais jovens que utilizam mais a *Internet* para contactos sociais.

Ao entrevistar estudantes *queer* com deficiência, Miller (2017, p.509) percebeu que os indivíduos utilizavam a *Internet* para “encontrar validação, envolver-se, e gerir identidades contextualmente”. No entanto, os estudantes experienciavam marginalização e isolamento. As redes sociais *online* permitem aos estudantes “explorar as suas identidades e, para alguns, cimentar como se identificam ou adquirir uma nova linguagem que motivou uma revelação”.

Gross (2007; como citado por Szulc e Dhoest, 2013) destaca que, apesar do aumento da visibilidade de homens *gay* na cultura pública, “a maioria de jovens lésbicas, *gay*, bissexuais e transgénero ainda se encontram isolados e vulneráveis”. O autor acredita que para estes jovens “a *Internet* é uma bênção, e milhares estão a usar as suas redes de computadores para declarar a sua homossexualidade, encontrar e procurar apoio de outros jovens *gay*”.

Os participantes do estudo de Szulc e Dhoest (2013, p.356) destacam a possibilidade de interação social com outros indivíduos LGB enquanto estão no armário como uma das vantagens da *Internet*. Kristien considera a *Internet* útil para quando se é jovem e ainda não se conhece outros membros da comunidade. Para Carine, é bom “poder falar com alguém que está a experienciar a mesma coisa”. Assim, a *Internet* serve como uma rede de apoio importante para pessoas LGB que ainda não se assumiram, segundo os autores.

Outro aspeto positivo da comunicação *online* para os sujeitos entrevistados por Szulc e Dhoest (2013) com menos de 30 anos prende-se com a anonimidade, que se revela particularmente importante antes e durante o processo de saída do armário. Os indivíduos utilizam pesquisas privadas sobre homo e bissexualidade. Além disso, colocam questões e procuram conselhos anonimamente.

Apesar de alguns dos inquiridos não visitarem com frequência *websites* LGB depois de saírem do armário, outros do estudo de Szulc e Dhoest (2013, p.357-358) pesquisam por informação específica, especialmente quem se envolve em ativismo LGB. Manon visita *websites* como ILGA, *Gay News UK* para se manter a par das notícias e subscreve à *newsletter* do primeiro, que lhe dá acesso a informação sobre “reconhecimento da adoção, casamento e relações de parceiros civis”.

Szulc e Dhoest (2013, p.358) perceberam ainda que existe um desejo de partilhar o seu conhecimento com outros membros da comunidade LGB, na esperança de criar representações mais autênticas *online*. Iris fundou um *website* para lésbicas mais velhas e um grupo em Flemish, porque considerava que “quando se é mais velho, já não se conta”. Além disso, a geração de Iris viveu “num tempo em que a sexualidade não era discutida, muito menos a homossexualidade”.

Depois de sair do armário, de acordo com Szulc e Dhoest (2013), as interações sociais *online* com outras pessoas LGB tornam-se “menos intensas e importantes”. Steven não vê *websites* de encontros como uma boa forma para encontrar alguém. Manon explica que, apesar de ainda se relacionar com outros membros da comunidade, essa interação é baseada em outras características e não na sexualidade. Para Kristel, no que toca a amizades “a orientação sexual não importa”. Carine utiliza a *Internet* para conhecer outras pessoas LGB, mas também se esforça por o fazer *offline*. No geral, as interações exclusivamente *online* são vistas como negativas, havendo uma distinção para os respondentes entre amigos ‘virtuais’ e ‘reais’. Os autores mencionam o trabalho de Braquet e Mehra (2006) que concluíram que a *Internet* é uma espécie de “meio para atingir um fim”, na medida em que é utilizada para procurar eventos e organizações que permitam que as pessoas se conheçam *offline*.

Após se assumirem, os entrevistados por Szulc e Dohest (2013, p.359) deixam de utilizar a anonimidade. Depois de “descobrir, aceitar e revelar (ou pelo menos em parte) a sua orientação sexual”, os indivíduos LGB já não consideram a anonimidade como um fator chave da *Internet*. Kristel considera que já não tem vergonha das suas pesquisas *online* e Steven afirma que as pessoas devem ser elas próprias *online*. No entanto, alguns dos inquiridos utilizam a anonimidade *online* mesmo depois de saírem do armário, uma vez que consideram a comunicação *online* mais pessoal, aberta e menos restritiva.

Miller (2017) destaca o trabalho de Craig e McInroy (2014), assim como Shpigelman e Gill (2014), que permitiu concluir algumas das razões para pessoas *queer* utilizarem a *Internet*, tais como “para conhecer outras pessoas, procurar informação, lidar com hostilidade, tornar-se ativamente político, e desenvolver, nomear e refinar uma identidade”. O autor considera o trabalho de Sherry (2004) que indica que estas motivações podem ser amplificadas por quem não é visivelmente *queer*, assim como pessoas que não têm acesso a comunidades urbanas e transportes, enfrentam discriminação e assédio, ou não conhecem outras pessoas que partilham a sua identidade.

A tecnologia é utilizada por muitas pessoas *queer* para anunciar publicamente as suas identidades, como realça Miller (2017, p.511-512). Para a juventude LGBTQ+, que tem dificuldade na saúde, na vida social e sexual *offline*, “a *Internet* funciona para preencher falhas em encontrar amigos, parceiros românticos/sexuais”, eventos e serviços relacionados com LGBTQ+, e informação sobre saúde sexual. Assim, as redes sociais *online* podem ajudar os jovens *queer* a lidar com discriminação e a construir comunidades, como concluem Craig et al. (2015) mencionados por Miller.

De acordo com Craig e McInroy (2014), citados por Miller (2017), as redes sociais *online* proporcionam uma oportunidade para os indivíduos *queer* “explorarem as suas identidades e desenvolverem competências importantes”. A *Internet* permite ainda a habilidade de praticar certas ações *online* antes de o fazer *offline*, como “assumir-se, cultivar identidade, aumentar autoconfiança e autoaceitação e construir relações”. Um estudo de Duguay (2014), mencionado por Miller (2017), revelou que os participantes geriam as suas identidades consoante a informação que queriam deixar conhecer a certas audiências. Assim, os indivíduos *queer* optavam por separar audiências e personalizar a informação que transmitiam a cada uma.

Miller (2017, p.512) nota que as pessoas *trans* nem sempre são incluídas na investigação e, quando o são, representam uma percentagem muito pequena dos participantes. Ainda assim, é possível perceber, através de autores como Nicolazzo (2015) e Pusch (2003) mencionados por Miller, que a interação *online* tem um papel importante na resiliência de estudantes universitários transgénero, e na juventude de cor transgénero, como realça Singh (2013). Os indivíduos LGBTQ+ procuram a *Internet* para “construir comunidade, identificar modelos a seguir, e encontrar apoio e informação”.

No estudo de Miller (2017, p.517) tornou-se evidente que os participantes “viam as suas atividades *online* como conectadas com as suas identidades”. Os indivíduos revelaram procurar ligações virtuais principalmente por estigma associado com a sua identidade *queer*, possibilidade de anonimato e introversão. As redes sociais *online* foram consideradas como oportunidades de baixo risco para partilharem experiências e formar conexões, com menos probabilidade de “estigma ou reações negativas”. Quando passavam por situações de discriminação, tinham a opção de se desligar ou bloquear alguém, o que transmitia mais segurança.

Uma das universitárias da investigação de Miller (2017, p.517-518), Sandy, conta que a sua identidade *queer* foi exposta à sua família devido ao *Facebook*, uma vez que a página de uma organização não era privada. Para Jackie, as comunidades *online* de assexuais permitiram que as suas experiências fossem validadas. Alguns dos estudantes referem utilizar a *Internet* como um “veículo para o seu ativismo e envolvimento, descrevendo as maneiras em que sentem que podem ajudar os outros ao partilhar as suas experiências”. Miranda explica que se sente mais ouvida nas comunidades *online* e que se sente mais confiante a partilhar na *Internet* devido à anonimidade. Para a estudante, dar conselhos *online* permite a transformação das situações difíceis pelas quais passou em “recomendações úteis para os outros”.

Os participantes do estudo de Miller demonstram consideração pela forma como se representam em espaços virtuais. Miranda conta que só quando se tornou mais confortável no seu ambiente escolar é que resolveu começar a partilhar mais informação e artigos relacionados com a comunidade LGBTQ+ no seu perfil do *Facebook*, uma vez que estava consciente que os seus colegas poderiam ver as suas publicações.

Os estudantes da investigação de Miller (2017, p.520) “negociavam limites entre *online* e *offline*, muitas vezes priorizando a liberdade e conexões que podem experienciar *online*”, especialmente quando não têm uma comunidade ou espaço *offline* que aceite a sua identidade *queer*. Embora alguns participantes revelem experienciar racismo e isolamento *online*, quando se fala nas comunidades *online* consideram tanto as desvantagens como vantagens.

Uma das vantagens do envolvimento *online* descrita por Miller (2017, p.520) é a oportunidade para receber apoio e validação, uma vez que os estudantes “gerem estigma, envolvem-se anonimamente, exploram novas identidades, estabelecem relações, constroem comunidades, consciencializam-se politicamente, e ajudam os outros”. Estas ações “relevam os aspetos performativos das identidades dos estudantes” quando utilizam espaços *online* para aprender sobre identidade de género e orientação sexual.

À medida que os estudantes do estudo de Miller (2017, p.521) se tornam mais confortáveis com as suas identidades *queer*, envolvem-se gradualmente mais nas comunidades *online* relacionadas com a sua sexualidade. Os participantes apresentam-se *online* “intencionalmente e estrategicamente”, de forma a transmitir as suas identidades e gerirem as impressões dos outros. Plataformas como o *Facebook* foram utilizadas para assumir as suas identidades a quem já conheciam *offline*, o que se revela particularmente importante para os estudantes que conseguiram esconder a sua identidade no *campus*, uma vez que passam por cisgénero e/ou heterossexuais.

As redes sociais *online* são vistas como um exercício de partilha de identidade de baixo risco, para os participantes da investigação de Miller (2017), uma vez que podem apenas abandonar uma plataforma ou comunidade se assim decidirem. No entanto, parâmetros como a privacidade revelam-se particularmente importantes, uma vez que assumirem a sua identidade *queer* à sua família e amigos acidentalmente pode ter consequências negativas.

Miller (2017, p.521-522) percebeu que nem sempre o envolvimento virtual leva a envolvimento físico, mas serve como “uma experiência transformativa por si só”. Por vezes, os estudantes procuraram espaços *online* quando não tiveram boas experiências em espaços *offline*, o que os leva a ter de gerir as suas identidades nas duas realidades. Para o autor, as instituições devem “ajudar os estudantes a avaliarem realisticamente os riscos e considerar as consequências a longo termo de se assumirem acidentalmente como LGBTQ+”, assim como analisar a forma como “as atividades *online* podem ser seguidas e identificadas durante as carreiras e vidas dos estudantes”. É importante que este tipo de educação “seja culturalmente competente e aborde as características únicas do desenvolvimento de identidade” relevantes para estudantes LGBTQ+ (Miller, 2017, p.523).

As comunidades formadas *online*, para os estudantes da investigação de Miller (2017, p.523), são tão reais como as *offline*. Além disso, permitiram aos estudantes “envolver-se em fóruns para discussão e ativismo, assim como conhecer amigos e parceiros românticos/sexuais”.

A exposição a diferentes sentimentos e opiniões, conseguida pelas redes sociais *online*, “é a chave para abrir a imaginação das pessoas, especialmente para se preocuparem e pensarem em pessoas e fenómenos além de si mesmos, para adotar direções externas para os outros e para o mundo, e cultivar pensamento crítico sobre o que e como pensamos sobre nós próprios, os outros e o mundo”, segundo Chu (2017, p.16). Apesar dos comentários negativos, os indivíduos LGBTQ+ “reclamam a sua voz de igualdade ao publicar os seus valores e crenças nos *media*”, o que permite criar debate, levando a que as pessoas se preocupem mais com este fenómeno e “a sua imaginação do mundo, de outros e até de si próprios possa ser influenciada”.

As representações nos novos *media* “estendem, promovem e complicam como concebemos os outros e, inseparavelmente, como nos identificamos a nós próprios”, segundo Chu (2017, p.18). Além disso, “permitem identificar os outros através de representações deles como indivíduos com visibilidade e voz”. Os indivíduos LGBTQ+ criam representações de si próprios no *Facebook* “ao partilhar as suas histórias, sentimentos e opiniões pessoais e mostrando o mundo real em que vivem, para que possam ser visíveis e reclamar a voz de quem merece os mesmos direitos independentemente da sexualidade”.

Ao analisar conteúdo numa página pública e num grupo privado LGBTQ+, no *Facebook*, Chu (2017) depara-se com imagens que promovem direitos LGBTQ+, como é o caso de uma imagem com a frase “Duas mães são melhores que uma”, que advoca a legislação do casamento homossexual. Também é exemplo disto uma imagem com uma citação de Hillary Clinton, “As pessoas *gay* nascem e pertencem a todas as sociedades do mundo. Têm todas as idades, raças e fés. São doutores e professores, agricultores e banqueiros, soldados e atletas. E quer saibamos ou reconheçamos, são a nossa família, os nossos amigos, e os nossos vizinhos. Ser *gay* não é uma invenção do ocidente, é uma realidade humana”.

Chu (2017, p.36) também encontra publicações mais pessoais na rede social, que representam “os utilizadores como identidade LGBTQ+”, partilhando sentimentos, experiências e *selfies*. Por vezes os membros da comunidade usam o grupo privado no *Facebook* para desabafar, “Detesto quando as pessoas dizem ‘não és demasiado jovem para ser bissexual? Ainda não sabes’ eu sei o que sou e a certa altura detestava-me por causa disso, mas vou acabar por aceitar”. Também transmitem mensagens de força uns aos outros, “Aquilo que nós passamos ao ser LGBTQ+ faz de nós pessoas fortes e ninguém nos pode tirar isso. Por isso sorri e continua!” Dentro da comunidade LGBTQ+, ainda existe discriminação. Chu menciona uma publicação que diz “Algumas pessoas *gay* fazem coisas que nos fazem parecer mal, o que é uma porcaria porque alguns de nós têm amigos hétero”.

A dissertação de Chu (2017, p.38) também analisa outras publicações de uma página pública. A partilha de histórias sobre pais com filhos LGBTQ+ serve para incentivar pais a “aceitar as crianças por quem elas são, compreendendo e respeitando a sexualidade”. A notícia de que a plataforma *Youtube* desbloqueou conteúdo LGBTQ+ facilita a propagação do movimento, uma vez que “quanto mais conteúdo LGBTQ+ aparecer no *Youtube*, mais atitudes positivas e apoiantes de LGBTQ+ serão disseminadas e promovidas, portanto poderia acelerar o movimento LGBTQ+” (Chu, 2017, p.38).

Tanto na página pública como no grupo privado, o conteúdo tenta “disseminar valores de não-discriminação, igualdade e respeito” (Chu, 2017, p.39). A utilização de figuras públicas acontece para tentar influenciar, uma vez que “são mais poderosas e autoritárias”. No grupo privado existem mais publicações pessoais, que refletem experiências e opiniões pessoais, enquanto a página se trata de uma plataforma neutra para dar a conhecer informação LGBTQ+. As representações LGBTQ+ dentro do grupo são então mais personalizadas, não deixando de estar conectadas com problemas políticos. Chu (2017) considera que algumas das publicações negligenciam casamentos heterossexuais, como a imagem das mães mencionada.

A representação e discurso nos *media* “afeta a construção da imaginação das pessoas, das autoidentidades, autorrepresentações e subjetividades assim como recursos simbólicos não-mediados como histórias de família e amigos ou até de si próprios”, conclui Chu (2017, p.41). Assim, “as histórias e imagens na *Internet* contêm materiais simbólicos significantes em que as pessoas dependem para interpretar as suas vidas e o mundo”. O autor dá destaque ao papel que as figuras públicas podem ter no movimento LGBTQ+, devido às relações de poder.

Van Dijk (2013), citado por Chu (2017), considera que as redes sociais *online* não são “uma fase neutra da autorrepresentação, mas são espaços para a formação de identidade”. A interface das redes sociais *online* faz com que os utilizadores “se sintam tentados a publicar informação sobre si próprios intencionalmente ou não”, o que leva as pessoas “a expor a sua vida diária como uma *performance* ao usar propositadamente a diversidade de condutas discursivas tanto privadas como públicas para construir a sua identidade”.

Alguns autores preocupam-se com a privacidade dos utilizadores do Facebook, que se podem tornar “objetos de assédio e atividade criminal”, como destaca Chu (2017, p.42). Para o autor, esta é a razão que faz com que existam diferenças entre publicações públicas e privadas. No grupo privado, as pessoas sentem-se mais à vontade a partilhar a própria vida, pois acreditam que o resto do grupo teve experiências semelhantes.

Segundo Serrano (2016, p.1²), as redes sociais *online* “vieram ampliar os códigos” do universo dos indivíduos homossexuais. Assim, as redes servem para combater a alienação do espaço público sentido pelas “sexualidades marginalizadas” e tornam-se um ponto de passagem na descoberta da homossexualidade, tanto pelas redes de apoio que se formam como pela procura de informação e “manutenção dos laços sociais”. Na sua tese, Serrano destaca alguns dados divulgados pelo *Facebook*. Em 2015, seis milhões de pessoas identificavam-se como homossexuais no seu perfil e mais de um milhão pertencia a grupos de apoio à comunidade LGBTQ+.

² O acesso à dissertação de Serrano (2016) foi obtido através do professor orientador Tiago Lapa e não constitui a versão final do trabalho, não tendo sido conseguido o acesso pelo repositório do ISCTE-IUL. Assim, as páginas podem não corresponder à versão final da dissertação.

As RSO são vistas como um espaço de “exploração e esclarecimento”, de acordo com Serrano (2016, p.3). Os entrevistados da sua investigação definem as redes como o primeiro lugar em que podem expressar a sua sexualidade, assim como para conhecer as primeiras pessoas com a mesma orientação sexual. Em relação ao caminho de descoberta, uma das inquiridas considera que as circunstâncias em que vivia na altura tornaram o processo difícil, uma vez que se encontrava numa cidade pequena. Dos oito entrevistados apenas três descrevem o processo como fácil, pois ocorreu tudo de forma “natural”.

Santos e Fontes (2008) citados por Serrano (2016) definem o processo de *coming out*, ou seja, de se assumir como *queer*, como um “momento de confronto entre nós e os outros, no qual os contornos da fronteira se tornam menos confusos”. Os indivíduos entrevistados por Serrano são assumidamente homossexuais, e consideram este processo importante. No entanto, dois não se assumiram a todas as pessoas nas suas vidas, nomeadamente na família e no local de trabalho. Mais uma vez, o contexto em que vivem é destacado. João descreve a sua cidade como um meio pouco aberto e muito conservador. Cátia menciona o facto de ter frequentado colégios católicos, o que a fez esconder-se mais.

Nas entrevistas de Serrano (2016) percebe-se que a importância da orientação sexual vai diminuindo ao longo do tempo. Mesmo assim, Lara considera que as suas relações estão “extremamente ligadas” ao facto de ser lésbica, uma vez que “ser lésbica é pertencer a uma minoria” (p.27). Neste sentido, todos os inquiridos têm amigos homossexuais, mas apenas em metade representam uma maioria.

Apenas dois dos entrevistados por Serrano (2016) utilizam redes sociais *online* especificamente homossexuais, como é o caso do *Grindr* e o Fórum da Rede Ex Aequo. Um deles considera que a primeira serve para “compensar a inexistência de um espaço físico” para conhecer outras pessoas *gay*. Lara, embora já não utilize RSO destinadas a homossexuais, quando o fez foi também com o intuito de conhecer pessoas novas, uma vez que se sentia isolada. Para Maria, os fóruns foram úteis para perceber que existiam outras pessoas como ela e que “não havia problema em ser assim” (p.29). O *Tumblr* é apontado por Sofia como uma ajuda na sua descoberta pessoal.

Se por um lado, alguns dos inquiridos do estudo de Serrano (2016, p.30-31) adaptam a informação que publicam consoante a rede social, outros optam por não partilhar certas informações nos seus perfis. Bernardo revela-se apreensivo em partilhar tudo, uma vez que “não se sabe quem está do outro lado”. Cátia, embora partilhe fotografias e localizações, recusa-se a publicar sobre a sua relação. A inquirida revela que não lhe interessa que toda a sua família conheça esse parâmetro da sua vida. Além disso, considera que “há muitas oportunidades [de trabalho] que se fecham a partir do momento em que se fala disso abertamente”. Para João, a homossexualidade é algo que só revela à medida que se aproxima das pessoas. Maria, por outro lado, quando era mais jovem não partilhava informação nenhuma, chegando a mentir em relação à idade e localização, mas atualmente sente-se mais à vontade. A entrevistada conta que partilha “temas que chocam”, como a temática LGBTQ+, pois acha importante “lutar” e considera que as redes sociais *online* servem para divulgar informação, de modo a que chegue ao maior número de pessoas possível.

A maioria das interações em RSO referidas pelos entrevistados por Serrano (2016) ocorrem através de mensagens privadas, e apenas três fazem publicações públicas. Rúben conta que procura incitar a discussão nos seus *posts*. A autora nota que embora os indivíduos sigam páginas LGBTQ+, nem sempre optam por participar nas discussões ou partilhar. No entanto, quatro dos inquiridos mencionam pertencer e participar em grupos de temáticas LGBTQ+. Maria conta que, apesar de estar em alguns grupos, toma uma posição observadora, em que não publica, mas procura estar consciente da informação partilhada. Rúben e Cátia utilizam os grupos para ficar a par de eventos LGBTQ+. Lara revela que não participa em nenhum grupo público, mas está inserida em grupos mais íntimos dos seus amigos LGBTQ+.

Quando questionados sobre relações com outros indivíduos que tivessem originado em RSO, Serrano (2016) considera que apenas quatro participantes do seu estudo foram objetivos. Por um lado, temos Lara, que apesar de ter conhecido pessoas *online*, estas não se tornaram em alguém muito presente na sua vida. Por outro, Rúben, que além de conhecer pessoas *online*, procura eventualmente conhecer a pessoa pessoalmente.

Todos os inquiridos por Serrano (2016, p.33) reconhecem a importância das redes sociais *online* para manter contacto com pessoas que já conhecem e para se manterem informados. Lourenço considera que, além de serem a única maneira de manter contacto com alguns amigos, as RSO permitem partilhar notícias e dessa forma expressar-se. Cátia descreve o *Facebook* como “uma porta aberta para sabermos o que os outros andam a fazer”. A autora menciona Amaral (2008) que refere que o ciberespaço permite que “o indivíduo veja a sua identidade estendida”, passando o “eu” a ser “fragmentado e construído no diálogo entre o *offline* e o *online*”.

As RSO são vistas por Serrano (2016, p.34) como um meio para homossexuais manterem contacto com amigos e familiares, mas também para “descobrirem, conhecerem e informarem-se sobre o mundo simbólico que gira em volta da sua orientação sexual” enquanto “se afirmam e constroem a sua identidade”. Metade dos seus entrevistados consideram as redes sociais *online* importantes durante o processo de descoberta da sua orientação sexual. A autora reflete sobre as redes como “um espaço livre de repressões da sociedade” em que é possível experimentar e “explorar a sua sexualidade de forma segura”.

A liberdade das RSO torna-se particularmente relevante no caso de indivíduos que venham de meios mais pequenos ou religiosos. Quatro dos participantes consideram que a sua localização teve influência na sua formação de identidade enquanto homossexual, e três afirmam que as RSO foram o primeiro contacto com a “realidade homossexual”. Embora para a maioria dos entrevistados as redes de cariz homossexual já não sejam tão importantes, continuam a ter um papel na vida daqueles que vivem em cidades mais pequenas, como forma de chegar a outras pessoas semelhantes.

Metade dos inquiridos por Serrano contam que não têm problemas em partilhar conteúdos relacionados com a homossexualidade, mas os restantes não publicam essa informação, tanto porque consideram que este é um aspeto privado da sua identidade, como receiam que estas partilhas possam colocar em causa os seus empregos. A autora reflete que a construção da identidade nas redes sociais *online* se dá através da mediação da mesma consoante o contexto, o que inclui a orientação sexual dos indivíduos.

A investigação de Serrano focou-se em apenas homossexuais, não incluindo, portanto, outros membros da comunidade LGBTQ+. A autora conclui que este era o objetivo inicial, mas não foi possível por constrições de tempo. Assim, com esta dissertação pretendo preencher esta lacuna e tentar analisar um espectro maior da comunidade, de forma a ter uma visão mais ampla da identidade LGBTQ+ em redes sociais *online*.

CAPÍTULO 2

Plano de Investigação e Métodos

A pesquisa qualitativa procura “o ponto de vista dos participantes”, contruindo “para uma melhor compreensão de realidades sociais”, de acordo com Flick et al. (2004, p.3). Este tipo de pesquisa tenta ser “um espelho cuja reflexão torna o desconhecido perceptível no conhecido, o conhecido perceptível no desconhecido, e assim abrindo possibilidades para (auto) reconhecimento”. Os autores consideram que a pesquisa qualitativa “é frequentemente mais aberta e, portanto, ‘mais envolvida’ do que outras estratégias de pesquisa” (Flick et al., 2004, p.5).

Uma vez que o objetivo desta dissertação é compreender a influência da identidade *queer* nas representações do “eu” *online*, métodos qualitativos são os mais adequados. O método de análise passa pela entrevista a 14 pessoas da comunidade LGBTQ+ (Tabela 1) que se voluntariam a participar através do *Twitter*, onde publiquei que estava à procura de pessoas *queer* para entrevistar. Neste grupo de participantes, encontram-se pessoas de diferentes orientações sexuais e identidades de género (Tabela 1), num esforço para incluir a maior diversidade possível na amostra. Uma vez que este estudo pretende preencher lacunas na investigação, que tende a focar-se em pessoas homossexuais, deixando tantas outras identidades por ser estudadas ou até comparadas. As entrevistas realizadas foram semiestruturadas e aconteceram por chamada, de forma a não haver restrições geográficas.

	Identidade de género	Orientação sexual	Idade	Profissão	Localidade de nascença	Localidade de residência
Afonso	Masculino cisgénero	<i>Gay</i>	27	<i>Marketeer</i>	Aveiro	Lisboa
Beatriz	Não-binário	Bissexual	23	Estudante	Gaia	Gaia
Bruno S.	Masculino cisgénero	<i>Gay</i>	23	Estudante	Coimbra	Aveiro
Bruno G.	Masculino cisgénero	<i>Gay</i>	22	Jornalista	Faro	Coimbra
David	Não-binário	Pansexual	24	Engenheiro de <i>software</i>	Lagoa	Vagos
Ema	Feminino transgénero	Bissexual	22	Estudante	Vila Nova de Famalicão	Braga
Germano	Não-binário	<i>Gay</i>	21	Estudante	Coimbra	Lisboa
Guilherme	Masculino transgénero	<i>Gay</i>	23	Assistente de passageiros	Penafiel	Penafiel

				de mobilidade reduzida		
Joana	Feminino cisgénero	Bissexual	24	Estudante	Amadora	Porto
Maia	Demi- feminino	Bissexual	23	Estudante	Coimbra	Pavia (Itália)
Mariana	Feminino cisgénero	Bissexual	25	Escritora de conteúdos	Lisboa	Coimbra
Miguel	Masculino cisgénero	<i>Gay</i>	25	<i>Software developer</i>	Santarém	Coimbra
Pedro	Masculino cisgénero	<i>Gay</i>	23	Escritor de conteúdos	São Félix da Marinha	São Félix da Marinha
Rita	Feminino cisgénero	Bissexual	22	Estudante	Coimbra	Coimbra

Tabela 1 – Tabela com características dos entrevistados relevantes para o estudo

As entrevistas permitem “retirar [...] informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados”, como indicam Quivy e Campenhout (1998, p.192). Este método caracteriza-se “por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores” e por uma fraca diretividade. Assim, ocorre uma troca em que o entrevistado partilha as suas interpretações e experiências em resposta a perguntas abertas. O investigador “facilita essa expressão” e evita que esta “se afaste dos objetivos da investigação”, permitindo assim um máximo de autenticidade e profundidade.

Neste caso será utilizada a entrevista semidiretiva que, de acordo com Quivy e Campenhout (1998), é a mais utilizada. Este tipo de entrevista define-se por não ser totalmente aberta nem dirigida por perguntas precisas. O investigador por norma utiliza “perguntas-guias, relativamente abertas” (Quivy e Campenhout, 1998, p.192). Como o nome indica, estas perguntas servem apenas de guia, não sendo necessariamente colocadas na ordem anotada ou exatamente com as mesmas palavras e formação de frases. Pretende-se assim dar liberdade ao entrevistado para que fale abertamente, sendo apenas reencaminhado pelo investigador quando necessário, de forma que não se fuja aos objetivos.

De acordo com Quivy e Campenhout (1998, p.193), as entrevistas são particularmente úteis para analisar o “sentido que os atores dão às suas práticas com os quais se veem confrontados”, como é o caso das “leituras que fazem das próprias experiências”. Este tipo de método permite uma elevada profundidade dos elementos recolhidos e tem a vantagem de ter flexibilidade e fraca diretividade, o que respeita a “linguagem e as suas categorias mentais” dos interlocutores (p.194). Os autores realçam que as entrevistas não devem ser utilizadas para falar de qualquer forma com os interlocutores.

Para Knott et al. (2022, p.1), as entrevistas dão espaço a “conversas extensas que permitem ao investigador percepções de como as pessoas pensam e no que acreditam”. O primeiro passo no processo de entrevista passa pela definição das pessoas ou grupos sociais a ser estudados. Os autores explicam que o entrevistador pode optar por amostragem intencional, que é particularmente útil quando “o número de entrevistas a ser conduzidas é demasiado pequeno para ser estatisticamente representativo” (p.2). Esse é o caso desta dissertação, uma vez que, de modo a compreender melhor experiências pessoais dos entrevistados e devido ao limite de tempo e alcance do estudo, esta é a opção mais viável. Como os autores explicam, o objetivo não passa pela representação, mas sim pela profundidade e riqueza dos depoimentos.

Outros métodos de pesquisa considerados foram: entrevistas de grupo ou grupos de foco, entrevistas estruturadas, questionários *web* e análise de conteúdo. Queirós et al. (2017, p.377) explicam que os grupos de foco “podem ser difíceis de controlar e gerir”. Além disso, “pode ser difícil encorajar as pessoas a participar e, por isso, não serem representativos de não-utilizadores”. As entrevistas estruturadas, que têm pouca flexibilidade nas respostas, não permitem “explorar novas linhas de pesquisa” que surjam durante a entrevista. Os questionários *online* acabariam por ter as mesmas desvantagens, para além de não garantirem a representatividade. De acordo com a Columbia University (2023), a análise de conteúdo, entre outras desvantagens, pode ocupar muito tempo e “são inerentemente redutivas, particularmente quando se lida com textos complexos”.

Segundo Heather Hamill (2014, p.1), as entrevistas semiestruturadas são auxiliadas por um guia “contendo tópicos, temas ou assuntos para serem cobertos durante o decorrer da entrevista em vez de uma sequência de questões estandardizadas. A intenção é o entrevistador permanecer flexível e responsivo durante a entrevista, de modo que a sequência das questões possa variar, o seu conteúdo possa evoluir, e o entrevistador possa investigar mais a fundo as respostas iniciais para conseguir uma resposta mais detalhada ou aprofundada.”

A pergunta base deste trabalho é “Como é que a identidade *queer* influencia as representações do ‘eu’ nas redes sociais *online*?”. Para tentar chegar à resposta a esta questão, criam-se outras perguntas como: “Que tipo de conteúdo relacionado com a comunidade LGBTQ+ é partilhado por pessoas *queer*?”; “Com que conteúdo LGBTQ+ interagem *online*?”; “De que maneira podem as redes sociais *online* ser úteis na descoberta da identidade *queer*?”; “O que faz com que se sintam mais dispostos a revelar a sua identidade *queer* em RSO?”; “Existe diferença no conteúdo partilhado antes e depois de se assumirem/perceberem que são *queer*?”; “Já formaram amizades com outras pessoas *queer* nas redes sociais *online*?”.

Conceitos	Indicadores	Perguntas
Identidade	- Orientação sexual - Identidade de género	1

Utilização das RSO	- Interação com conteúdo LGBTQ+ - Privacidade em diferentes RSO	2, 5, 6 e 6.1
Construção de identidade	- Papel das RSO - Conteúdos publicados	3, 4, 7
Sociabilidade nas RSO	- Relações com outras pessoas <i>queer</i>	8

Tabela 2 – Tabela de conceitos aplicados nas entrevistas

A primeira pergunta, relativa à identidade, pretende entender de que forma os indivíduos entrevistados se enquadram na comunidade LGBTQ+ e que características tornam a sua participação relevante no estudo. O segundo conjunto de perguntas, referente à utilização das RSO, procura perceber com que conteúdos LGBTQ+ os participantes interagem e o que faz com que se sintam mais ou menos à vontade a partilhar aspetos da sua identidade *queer* em determinadas RSO. O terceiro conjunto de questões foca-se na construção de identidade. Inclui perguntas que tentam compreender se as RSO têm utilidade na descoberta da identidade *queer* e ainda que conteúdos relacionados com a comunidade LGBTQ+ são publicados pelos entrevistados e se existe diferença nos mesmos desde que descobriram a sua identidade *queer*. A última pergunta foca-se nas relações sociais formadas nas RSO com outras pessoas *queer*.

CAPÍTULO 3

Resultados

3.1. Apresentação de resultados

A amostra de entrevistados é constituída por 14 pessoas. Sete dos entrevistados identificam-se como pansexual ou bissexual, e outros sete descrevem-se como *gay*. Quatro das pessoas referem ser não-binárias, e outras duas são transgénero. Os restantes entrevistados caracterizam-se como cisgénero. Assim, o grupo é formado por seis pessoas do género masculino, quatro pessoas do género feminino, três não-binárias e uma pessoa que se identifica como *demi-feminina*, o que se enquadra no espectro do género não-binário. A idade dos inquiridos encontra-se compreendida entre 21 e 27 anos.

Quando questionados sobre o tipo de conteúdo LGBTQ+ com que interagem *online* existem quatro temas que se destacam: ativismo, humor, experiências pessoais e conteúdo relacionado com entretenimento *queer*. David (pansexual, não-binário) refere que, durante o mês de junho, também utiliza personalizações relacionadas com o mês de orgulho em jogos. O programa de televisão mais mencionado pelos entrevistados foi *RuPaul Drag Race*, com várias pessoas a referir que interagem com conteúdo sobre o *reality show*. Por um lado, há quem refira o conteúdo que os seus amigos que também são LGBTQ+ partilham, por outro existem inquiridos que seguem personalidades LGBTQ+, principalmente de origem britânica ou americana e, por isso, estão a par das políticas desses países. Joana (bissexual, mulher cisgénero) fala da página da associação Pele, que lida com pessoas sem abrigo e pessoas LGBTQ+, e do Ponto I, que, em parceria com a Cruz Vermelha, foca a sua ação em pessoas da comunidade *queer*. Bruno S. (*gay*, homem cisgénero) refere que segue páginas de ativismo, como é o caso da ILGA. Tanto Bruno G. (*gay*, homem cisgénero) como Afonso (*gay*, homem cisgénero) referem que seguem portais de notícias LGBTQ+, que os informam não só sobre o que se passa na comunidade, mas também de eventos LGBTQ+, como é o caso das marchas do orgulho.

Maia (bissexual, *demi-feminina*) refere que está inserida em comunidades *queer* em várias redes sociais *online*, nomeadamente no *Reddit*, *Twitter* e *Instagram*. Gosta de ler sobre as vivências e questões sobre a descoberta da orientação sexual ou identidade de género de cada um. Considera que “à medida que se desconstrói a heteronormatividade, há cada vez mais pessoas que questionam não só a sua identidade sexual, mas também de género”. Nestes grupos ou *subreddits*, a entrevistada informa-se também sobre notícias que, “infelizmente, são muitas vezes sobre a morte de pessoas LGBTQ+”. Pedro (*gay*, homem cisgénero), Rita (bissexual, mulher cisgénero) e Bruno G. mencionam o humor LGBTQ+ como um tipo de conteúdo com que interagem.

Relativamente à utilidade das redes sociais online no processo de perceber a própria identidade *queer*, David destaca a possibilidade de anonimato que a *Internet* permite. O inquirido conta que muitas pessoas da sua geração utilizam também contas alternativas, em que se é “muito mais aberto”. Na sua experiência, as redes sociais *online* ajudaram a desconstruir “preconceitos que já estavam enraizados” na forma como pensa. David considera que foi a namorada que abriu este caminho para si, uma vez que também ela é *queer*. Depois de ter essa ajuda inicial a compreender a comunidade, o entrevistado começou a seguir mais pessoas LGBTQ+. Refere que “não é que fosse diretamente preconceituoso, homofóbico ou transfóbico”, mas depois de ter essa abertura, começou a explorar mais nas redes sociais *online* ou motores de pesquisa.

Para Pedro, as redes sociais *online* “ajudam não só a saber com aquilo que te identificas, mas também a construir essa própria identidade”. Segundo o entrevistado, o facto de as redes terem “uma panóplia tão grande de utilizadores” faz com que se conviva com várias pessoas ao mesmo tempo e se perceba que “se partilha os mesmos gostos ou se identifica com a experiência de certa pessoa”, o que leva a uma reflexão sobre quem somos. O inquirido considera que “as redes sociais *online* acabam por ter um papel muito fulcral na forma como nos criamos a nós próprios”.

Guilherme (*gay*, homem trans) e Rita opinam que a maior utilidade das redes sociais *online* passa por se perceber que não se está sozinho. Rita explica que “há pessoas que vivem a vida toda sem perceberem muito bem o que é que elas próprias sentem e se é normal ou não, e ouvir outra pessoa a falar da própria experiência e identificarem-se pode ajudar a que, além de sentirem que pertencem a uma comunidade, cheguem às suas próprias conclusões”, uma vez que sabem que existirá alguém que vai apoiar nesse processo. Guilherme afirma que foi graças às redes que percebeu que “existe toda uma comunidade de pessoas que se sentem da mesma forma”.

As redes sociais *online* permitem também dar-nos a conhecer o mundo para além do sítio onde vivemos. Mariana (bissexual, mulher cisgénero) destaca que é possível conhecer pessoas de outros sítios com que se pode identificar mais facilmente do que pessoas da própria cidade, uma vez que “quase todos crescemos rodeados de heteronormatividade”. Maia confessa que as redes sociais *online* foram essenciais para encontrar os seus grupos de apoio e, sem eles, não estaria tão confortável com a pessoa que é atualmente. A inquirida vivia numa aldeia “muito fechada” e frequentava colégios religiosos, por isso, os amigos digitais foram imprescindíveis para perceber que “não era um erro na vida” e que a sua experiência era válida. Também Ema (*gay*, mulher transgénero) dá ênfase à importância das redes sociais *online* quando se vive em sítios rurais, uma vez que no quotidiano “não se está exposto a esse tipo de vivências”.

Beatriz (bissexual, não-binário) refere a importância de ter a sua experiência representada nas redes sociais *online*, uma vez que se tem a acesso a pessoas com experiências semelhantes, que acabam por “pôr um nome naquilo que se está a sentir”. Este processo pode ajudar o indivíduo a entender que “aquilo que está a sentir não é um problema” e contribui para “destigmatizar aquilo que se sente”. Para Afonso é essencial que as pessoas não caiam numa “câmara de eco” e não se fechem numa “bolha”, porque isto pode potencializar a noção de que “existem determinadas orientações sexuais ou identidades de género que a pessoa não conhecia ou com as quais nunca tinha pensado que se identificasse”.

Bruno G. conta que o *Youtube* teve um papel importante no processo de aceitação da sua orientação sexual. Para o entrevistado, “foi muito importante ouvir os testemunhos e ler os testemunhos de outras pessoas LGBTQ+ que estavam a passar pelo mesmo processo”. Também Bruno S. recorda que via muitos vídeos de *coming out* em 2015, altura em que se assumiu. Esses vídeos ajudaram “a perceber que era *ok* ser *gay* e também a dar o passo de sair do armário” para os amigos e pais.

Para Joana (bissexual, mulher cis), as redes sociais *online* têm aspetos positivos e negativos durante o processo de descoberta. Se por um lado os seus amigos utilizaram as redes para se assumir de forma mais fácil e beneficiaram de “uma comunidade que está de braços abertos”, também pode ser um sítio “onde se encontra muito negativismo e pessoas que não entendem”. Miguel (*gay*, homem cisgénero) define as redes sociais *online* como “uma faca de dois gumes”, uma vez que podem conter informação que não está correta. No entanto, “acabam por juntar imensas vozes”, o que faz com que sejam plataformas “em que se acaba por perceber certas coisas e tirar dúvidas”.

Nem todos os participantes se assumem como *queer* nas redes sociais *online*. David explica que não tem problema com que as pessoas façam presunções sobre a sua sexualidade, mas não publica nada específico que a revele. Só se lembra de um instante em que partilhou uma foto a festejar o *Pride*. No entanto, partilha nas histórias de conteúdo de ativistas *queer*, uma vez que considera importante “mesmo que não se tenha muitos seguidores, é bom espalhar a palavra”. Pedro conta que também partilha *posts* de ativismo atualmente, mas “quando estava na fase de *blogger influencer*” escrevia artigos no seu *blog* sobre a temática. O inquirido considera importante “criar *awareness*”, mas confessa que no *Twitter* publica coisas menos sérias sobre a sua orientação sexual ou sobre a sua experiência enquanto pessoa *queer*.

Grande parte do conteúdo partilhado é sobre ativismo, embora raramente seja publicado inicialmente pelos inquiridos. Guilherme, Rita, Mariana, Maia, Beatriz e Afonso revelam que o ativismo costuma ser o foco das suas partilhas ou *retweets* relacionados com a comunidade. Afonso considera que o seu conteúdo “é bastante político” e se prende muito em iniciativas legislativas relacionadas com o partido em que se encontra. O entrevistado tenta refutar opiniões “de extrema-direita ou ligadas à desinformação”. Segundo Beatriz, a transfobia tem aparecido cada vez mais *online*. Considera que não pode “permanecer inativa perante a opressão” e acaba por intervir para “defender os direitos da comunidade trans”.

Miguel utiliza as redes sociais *online* para partilhar eventos LGBTQ+ e notícias relacionadas com a comunidade. Uma participante refere que partilha artigos de revistas, como é o caso da *Dazed and Confused*, e vários referem partilhar notícias, especialmente quando estas são negativas. Maia conta que as redes sociais *online* ajudaram a que os seus pais compreendessem melhor a sua identidade, graças a vídeos de questões LGBTQ+ que partilha com eles.

Relativamente à rede social que mais utilizam, as mais mencionadas são *Twitter* e *Instagram*. David explica que, embora antes utilizasse o *Twitter*, deixou de o fazer quando Elon Musk comprou a rede social. Considera que após a compra existiu “um aumento de publicações transfóbicas”. Não percebia “porque aparecia tanta coisa negativa” e “não conseguia lidar com o ódio”, então optou por deixar a RSO. Agora, utiliza mais o *Instagram* e o *Reddit*. O entrevistado refere que tem as suas contas privadas, mas isto não se relaciona com o facto de ser *queer*, acontece apenas porque é uma pessoa “mais privada” e não gosta de publicar a sua vida.

Para Pedro, o *Twitter* acaba por ser onde se sente mais à vontade a partilhar a sua orientação sexual. Afirma que isto ocorre porque enquanto no *Twitter* “toda a gente está a sofrer”, o *Instagram* foca-se em mostrar apenas as melhores partes da vida. Conta que desde que tem redes sociais *online* tomou uma decisão consciente de não seguir familiares, com medo de que isso pudesse trazer momentos constrangedores às reuniões de família, uma vez que nem sempre se sente confortável a partilhar essa parte de si, com medo de ser julgado por quem o rodeia.

Rita também se sente mais confortável no *Twitter*, onde não tem pessoas da família a segui-la. Conta que nesta rede social seguem-na menos pessoas que a conhecem pessoalmente e, caso conheçam, já sabem a sua orientação sexual. Para Mariana, esta também é uma questão relevante. Explica que no *Instagram* a família a segue, o que a faz sentir-se mais livre no *Twitter*, onde a seguem pessoas que não conhece “na vida real”.

Joana considera-se rodeada por pessoas “*welcoming*” no *Twitter*, o que tem uma influência positiva na sua vida e faz com que se sinta “inspirada”. Conta que existe uma relação de entreajuda, uma vez que tenta “ajudar quando as pessoas se sentem mal”. Também Maia tem mais abertura sobre a sua identidade no *Twitter*, uma vez que, ao contrário do *Instagram*, esta rede não traz pressão para “demonstrar que a vida está dentro de determinando panorama”. Além disso, desabafa que, no *Instagram*, é seguida por familiares, e sente que há questões sobre a sua identidade que não se sente à vontade a partilhar. Conclui que o *Twitter* dá uma maior sensação de privacidade. Beatriz conta que quem a segue no *Twitter* são membros da comunidade LGBTQ+ e por isso se sente à vontade para se “expressar livremente”. Mais uma vez, o facto de ter adicionados familiares e conhecidos da sua terra noutras redes sociais *online* faz com que nem considere mencionar essa parte da sua identidade. Destaca ainda o tipo de conteúdo que é produzido na rede social, pois embora utilize bastante o *Tiktok* não publica vídeos nesta rede.

Ema, Germano, Bruno G., Afonso e Bruno S. concordam que se sentem mais confortáveis no *Twitter*. Ema afirma que já utilizava a rede social quando começou a descobrir a sua identidade, o que lhe permitiu criar uma comunidade de pessoas LGBTQ+ que sabe que a compreendem. Para Germano, é o facto de o conteúdo ser maioritariamente texto que é determinante. Bruno G. explica que a família não o segue, o que lhe permite “falar sobre essa questão mais abertamente”. Semelhantemente, Afonso conta que a maioria dos seus seguidores são pessoas que não conhece fora da rede social, o que lhe permite partilhar “experiências de homofobia ou *queerfobia*”. Bruno S. recorda que em 2015 tinha receio de partilhar certo conteúdo no *Facebook* e ser discriminado por familiares, antigos professores ou outros conhecidos. Atualmente é assumido para todas as pessoas na sua vida, mas continua a preferir utilizar o *Twitter* para falar sobre a sua sexualidade.

Apenas Miguel considera que não há diferenciação entre as redes sociais *online* que utiliza, uma vez que é “completamente aberto em todas”. Visto que já se assumiu há nove anos, não tem medo de mostrar esse seu lado. Explica que não se preocupa com quem possa incomodar. Se sentir que existe “espaço de abertura para educar”, tenta fazê-lo, mas caso contrário “o problema é da pessoa”. Considera que a comunidade LGBTQ+ não deve “viver para estar sempre a lidar com os problemas dos outros”.

A próxima questão colocada aos entrevistados foi sobre existir diferença no conteúdo que partilham e com que interagem nas redes antes e depois de se assumirem ou perceberem que eram *queer*. Para David, a diferença foi clara. Conta que antes não partilhava nada sobre a comunidade LGBTQ+, porque não queria que assumissem que era um membro. Agora reflete que partilhar “não significa nada” e qualquer pessoa o pode fazer. O inquirido tenta “só ser verdadeiro” e começou a seguir e interagir com ativistas *queer*. Explica que antes “não ia ativamente à procura” desse tipo de conteúdo e “se visse alguma coisa ignorava”. Pedro sentiu uma responsabilidade depois de se assumir, pois considera que se alguém tem uma plataforma “tem de pelo menos tentar usá-la para o bem”. Considera que “é importante as pessoas saberem” o que se está a passar com a comunidade, até porque, embora a vida em Portugal seja mais fácil, “noutros países não é assim e há certas pessoas que não têm noção dessa realidade”. O entrevistado opina que “quer se queira ou não, o corpo de pessoas *queer* é politizado”, o que considera triste.

Guilherme já partilhava conteúdo *queer*, mas na perspetiva de aliado. Para Rita, não houve um momento definitivo em que percebesse que era *queer* e por isso é difícil distinguir essa diferença. Para a entrevistada, essa parte da sua identidade sempre foi um facto. Mariana conta que nunca se inibiu de publicar o que quisesse, porque sabia que a sua mãe não a ia expulsar de casa, mas depois de contar à mãe e ao irmão, considera-se com mais liberdade para partilhar conteúdo LGBTQ+. Joana afirma que “agora estamos muito mais expostos e ainda bem”, o que fez com que sentisse “muito mais à vontade” nas redes sociais *online*. Quando começou a explorar a sua identidade acha que “não havia assim tanto conteúdo ou pelo menos não estava tão exposta a ele”.

Para Maia, esta mudança foi essencial, pois antes de se assumir “consumia conteúdo que sentia que tinha de consumir para encaixar”. A descoberta da sua identidade teve impacto no que consome e faz, uma vez que conseguiu “cortar com essa parte da vida e deixar de reprimir quem era”. Agora, considera que o conteúdo com que interage lhe dá “mais prazer”. Também Miguel notou esta diferença, especialmente porque vem “de um meio pequeno”. Antes de sair do armário, era “extremamente heteronormativo e acabava por não ter grande contacto com a comunidade”. Quando foi para a faculdade, depois de se ter assumido recentemente, foi “uma enxurrada de coisas” e foi aí que alterou os programas que via, as músicas que ouvia e até a forma como se vestia. Explica que estas alterações ajudaram a que se sentisse confortável na sua pele.

Germano considera que a diferença foi gradual, foi ficando mais confortável. Bruno G. nota que se sente muito mais livre para publicar o que quiser e, antes de se assumir, apenas lia conteúdo sem o partilhar. Bruno S. confessa que antes de assumir não se conhecia bem, não sabia o que gostava ou queria e também não interagia nas redes sociais *online*. Conta que na altura as redes sociais *online* eram bastantes diferentes, porque já se assumiu há algum tempo. Agora, considera que a partilha de conteúdo *queer* é facilitada, o que faz com que se sinta mais à vontade a partilhar e interagir com este tipo de conteúdos. Ema também afirma que antes de se assumir não falava de temáticas LGBTQ+ nas redes, enquanto agora o passou a fazer. Beatriz não sentiu uma diferença, porque as redes sociais *online* onde interage com esse tipo de conteúdo são aquelas em que só segue ou é seguida por pessoas próximas. Antes de se assumir, a rede mais utilizada era o *Tumblr*, em que só era seguida por pessoas que não conhecia, o que lhe dava liberdade para postar e interagir da maneira que quisesse.

Ao ser questionado sobre as relações com indivíduos *queer* formadas através de redes sociais online, David confessa que nas redes é “como um fantasma” e por isso não conhece pessoas novas, mas utilizou o *Instagram* para voltar a ter contacto com um amigo *queer* com quem tinha perdido contacto. Conta que foi das primeiras pessoas a quem se assumiu e que “soube bem partilhar”. Reflete que o facto de a comunidade LGBTQ+ ainda não ser “totalmente normalizada” faz com que se sinta mais gosto em conhecer outras pessoas *queer*. Mesmo quando não se conhecem, considera que quando uma pessoa *queer* vê outra existe “um sentido de comunidade”.

Para Pedro, a possibilidade de conhecer outras pessoas *queer online* é “das coisas mais gratificantes que existe”. Conta que tinha enraizado em si a ideia de que a comunidade LGBTQ+ é bastante crítica, o que fazia com que tivesse medo de fazer amizades, especialmente com homens homossexuais. Tinha receio que pensassem que ele era feio, ou se vestia mal, ou criticassem os seus comportamentos porque tinha “de agir desta forma e daquela”. Depois de perceber que essa não é a realidade, conhecer pessoas que o compreendem e com que se identifica tornou-se como “um abraço quentinho”. Na sua opinião, enquanto as pessoas heterossexuais crescem e experienciam tudo na idade correta, as pessoas *queer* experienciam tudo mais tarde. Nesse sentido, é essencial ter “essa comunidade a apoiar” e a “dizer ‘está tudo bem, não te preocupes, tens tempo, é normal que te sintas desta forma’”. Além disso, considera que crescer *queer* acaba por ser isolador, uma vez que não há ninguém com quem partilhar a sua vida, o que mudou graças às redes sociais *online*.

Guilherme conseguiu encontrar nas redes sociais *online* outras pessoas *queer* que viviam perto de si. As redes permitiram-lhe fazer mais amigos, pois conheceu pessoas com interesses e identidades em comum. Para Rita, o facto de as pessoas pertencerem à comunidade LGBTQ+ não é determinante para querer fazer amizade. No entanto, confessa que ajuda um pouco, uma vez que serem parte de uma comunidade à qual também pertence cria “uma espécie de camaradagem automática”. Mariana conta que, ao crescer, não tinha pessoas LGBTQ+ à sua volta e, por isso, as redes sociais *online* foram úteis para se rodear de pessoas como ela. Enquanto antes “questionava tudo”, agora sente que pertence a uma comunidade.

As redes sociais *online* permitiram a Joana fazer amizades *queer* por todo o país, o que a faz “muito feliz”. Conta que se sente mais à vontade e que é graças às redes que, além de conhecer novas pessoas, mantém contacto com elas. Beatriz refere que, na sua terra, as poucas pessoas que se assumiram como *queer* eram “a fala de toda a gente” e, por isso, a única forma de conhecer outras pessoas LGBTQ+ era através das redes sociais *online*. No entanto, confessa que estas amizades não são tão fortes como com os amigos *queer* que conheceu na faculdade. Explica que é mais difícil estabelecer uma conexão com alguém que nunca viu “cara a cara”.

Além de conhecer “grandes amigas” através das redes, Miguel conheceu outros rapazes *queer* com quem teve relações. Quando vê o perfil de alguém e percebe que se trata de uma pessoa *queer*, pensa que talvez queira ser amigo dela. Ema afirma que as primeiras amizades com pessoas *queer* que formou foram através das redes e considera-as por isso “bastante úteis” nesse sentido. Já Germano, conheceu o seu colega de casa desta forma e é da opinião que as redes são “facilitadoras”, especialmente quando não se vive em cidades grandes.

O *Twitter* de Bruno G. é muito dedicado à cantora Mariah Carey e já fez amizades com outros fãs que também são *queer*. Reflete que a ligação entre membros da comunidade LGBTQ+ é importante para “ter contacto com outras experiências, porque nem todas as pessoas *queer* vão ter a mesma experiência”. Além disso, estas pessoas podem “entender melhor de uma forma que se calhar pessoas heterossexuais não entendem tão bem” e, por isso, consegue-se ter mais abertura para falar sobre determinados assuntos. Afonso afirma que atualmente a maior parte das pessoas *queer* que conhece são pessoas que conheceu em redes sociais *online*. Conta que além de amizades, também já formou relações românticas *online*. Bruno S. conta que os seus amigos *queer online* o ajudaram a construir o que é hoje e, enquanto pessoa *queer*, a forma como se vê, apresenta, e o que gosta.

3.2. Discussão dos resultados

Tal como Gündüz (2017) indica, as redes sociais *online* permitem liberdade e customização, mas a liberdade sentida não é igual em todas. Enquanto no *Twitter* os participantes referem sentir-se mais à vontade para dar a conhecer a sua identidade, no *Instagram* mencionam sentir mais pressão relativamente ao conteúdo que publicam, quer seja por serem seguidos por família, como pela rede social em si. O *Twitter* é uma rede social em que são seguidos por mais pessoas que não conhecem pessoalmente e por outras pessoas *queer* e, por isso, sentem mais conforto. No entanto, um dos inquiridos refere que a mudança de liderança da rede social fez com que se tornasse um espaço menos seguro para a comunidade LGBTQ+. Como Zhao et al. (2008) previram no caso do *Facebook*, as representações *online* são ajustadas consoante as audiências particulares.

Zhao et al. (2008) concluíram que os seus entrevistados utilizavam o *Facebook* para procurar amizades e relações. Isto também se verificou, com todos os entrevistados da presente investigação a referirem que fizeram ou mantêm amizades com pessoas *queer* através das redes digitais. Alguns acrescentam até que utilizaram as redes sociais *online* para encontrar parceiros. Os inquiridos destacam a sensação de comunidade e a possibilidade de se conectarem com indivíduos que estão longe. Tal como Miller (2017) menciona, a distância geográfica passa a ter menos importância graças à presença constante das redes sociais *online* no nosso quotidiano.

Chu (2017) descreve os *media* como um sítio de produção de conhecimento LGBTQ+, o que é uma opinião partilhada entre os entrevistados. Neste sentido, Rita explica que algumas pessoas só passam a reconhecer a própria identidade depois de ouvirem outras experiências e se identificarem com elas, o que acontece nas redes sociais *online*. Beatriz refere que as redes sociais *online* permitem conhecer pessoas que “põe um nome naquilo que se está a sentir”. Também Ema destaca que, no quotidiano, nem sempre estamos expostos à comunidade LGBTQ+, principalmente quando se vive em meios rurais e, por isso, as redes sociais *online* “impulsionam a descobrir que há outras identidades para além do que é normativo”. Estas opiniões coincidem com o que Taylor, Falconer e Snowdown (2014), referidos por Chu (2017), referem. Os autores caracterizam os *media* digitais como um ambiente seguro para “orientações sexuais não-normativas”. Também Szulc e Dhoest (2013) consideram que a *Internet* quebra barreiras de identidades.

Afonso explica que a *Internet* foi útil para perceber a sua identidade e que as redes sociais *online* permitem perceber que existem identidades de género ou orientações sexuais que não conhecia. Bruno G. conta que assistir vídeos de *YouTubers* a assumirem-se como *queer* foi muito importante. Também Bruno S. refere estes vídeos, que considera que foram uma parte decisiva no processo de se assumir. Verifica-se assim, como Miller (2017) explica, que as redes permitem a exploração e cimentação de identidades, assim como o conhecimento de nova linguagem que motiva os indivíduos a assumirem-se como *queer*.

Relativamente à anonimidade conseguida na *Internet*, mencionada por autores como Woodland (2000; como citado por Szul e Dhoest, 2013), foi utilizada apenas por uma das entrevistadas. Beatriz conta que, antes de se assumir, utilizava o *Tumblr*, uma rede social em que só era seguida por estranhos, o que lhe permitia “postar e interagir da maneira que quisesse”. Isto permitiu que sempre se sentisse à vontade *online* e agora já não sente necessidade de se esconder.

Tal como Barnhurts (2017), citado por Szul e Dhoest (2013), menciona, assumir-se pode ser uma experiência libertadora, mas traz consigo “riscos de exposição”. Joana refere que, a influência das redes sociais *online* pode ser negativa e positiva. Embora seja possível formar uma comunidade e sentir-se menos perdido, também se pode “encontrar muito negativismo e pessoas que não entendem”. Miguel também fala de uma “faca de dois gumes”, uma vez que as redes sociais *online* “juntam imensas vozes e opiniões” e nem sempre isso se reflete em informação correta.

Gross, (2007), citado por Szulc e Dhoest (2013), reconhece que a comunidade LGBTQ+ ainda se encontra isolada e, por isso, a *Internet* é essencial para encontrar outras pessoas *queer* nas quais podem procurar apoio. Apesar de Miller (2017) considerar que as RSO podem trazer sentimentos de solidão e depressão, que podem ser acentuados no caso da comunidade LGBTQ+, segundo Wiederhold (2014) e Abreu e Kenny (2018), os entrevistados mostram utilizar as RSO para combater a possível solidão e isolamento causado por pertencerem a uma minoria. Para David, esse isolamento é o que faz com que seja especial encontrar outros membros da comunidade. Guilherme revela que não tem facilidade em fazer amigos e as redes sociais *online* ajudaram a combater isso. Ao crescer, Mariana não conhecia pessoas *queer* e foi graças às redes sociais *online* que isso mudou. Esta é uma experiência comum. Muitas vezes os primeiros contactos LGBTQ+ que a comunidade faz são conseguidos através das redes sociais *online*, que ajudam principalmente quem vive em meios pequenos.

Para Maia, encontrar um grupo de apoio foi imprescindível para a sua aceitação de identidade. Vivendo numa “aldeia fechada” e frequentando uma escola religiosa, considera que se não fosse pelas redes não estaria tão confortável com quem é. Os amigos feitos *online* ajudaram-na a perceber que “não era um erro” e que a sua existência é “válida”. Como Miller (2017) concluiu, a *Internet* funciona assim como um substituto para encontrar amigos e parceiros, uma vez que existe dificuldade em fazer isso *offline*. Miguel e Afonso conheceram vários parceiros e amigos através das redes sociais *online*. Para Afonso, a maior parte das suas relações com pessoas *queer*, românticas ou não, começam *online*.

Como foi visto no estudo de Duguay (2014), mencionado por Miller (2017), também neste caso os entrevistados mostram gerir as representações das suas identidades *online* consoante as audiências. A maior parte dos participantes considera-se mais à vontade no *Twitter*, uma vez que nessa rede não costumam ser seguidos por familiares. Além disso, costumam ser seguidos por outras pessoas *queer* ou pessoas que sabem que são inclusivas. A partilha de informação nas redes é seletiva. Bruno S. recorda ter medo de publicar certas coisas no *Facebook*, porque considera que tem adicionadas pessoas mais velhas que poderão ser mais discriminatórias. Para Afonso, o facto de poucas pessoas que conhece pessoalmente não terem *Twitter* faz com que se sinta mais confortável em partilhar as suas vivências lá. A comunidade formada à sua volta nas redes sociais *online*, especialmente no *Twitter*, permite que haja menos risco em partilhar certas informações.

Chu (2017) considera que as redes sociais *online* incentivam os indivíduos a pensarem nos outros e cultivam o pensamento crítico. Também Miller (2017) vê as redes como uma forma para as pessoas *queer* se envolverem em discussão e ativismo. David conta que costuma partilhar publicações ativistas nas histórias do *Instagram* para tentar “desmistificar as questões atuais sobre género e orientação sexual”. Tanto David como Pedro reconhecem que existe mais conteúdo focado nos Estados Unidos. A maioria dos entrevistados publica sobre ativismo LGBTQ+. Algumas das páginas mencionadas pelos participantes foram a PATH, a ILGA e a Associação Plano I.

Os entrevistados também costumam partilhar conteúdo humorístico, experiências pessoais ou publicações relacionadas com programas de televisão *queer*, como é o caso de *RuPaul's Drag Race*. Ao contrário do que tinha acontecido no estudo de Serrano (2016), a maioria dos participantes publica sobre a comunidade LGBTQ+. David explica que não publica nada que dê a entender que é explicitamente *queer*, mas se as pessoas o assumirem, não se importa. Muitos dos inquiridos partilham conteúdo criado por outras pessoas e alguns procuram refutar opiniões homofóbicas ou transfóbicas. Beatriz considera que não pode “permanecer inativa” perante essas situações.

Metade dos entrevistados no estudo de Serrano (2016) classificam as redes sociais *online* como importantes na descoberta da orientação sexual. Neste caso, todos os participantes consideraram as redes sociais *online* úteis neste processo. Os inquiridos dão destaque ao facto de as redes permitirem perceber que não se está sozinho ao ler as experiências de outras pessoas que passaram pelo mesmo. Beatriz reflete que as redes permitem ver “as pessoas a pôr um nome naquilo que se sente”, o que ajuda a destigmatizar sentimentos e perceber que aquilo porque se está a passar é algo de normal. Ema explica que quando se vive em sítios rurais, as redes são ainda mais importantes, uma vez que no quotidiano não se está exposto a vivências *queer*. Como Serrano concluía, as redes são um espaço livre em que se pode explorar a identidade de forma segura. No entanto, Miguel e Joana consideram que também existem aspetos negativos em explorar a sexualidade *online*, pois existem pessoas homofóbicas ou transfóbicas, assim como a informação encontrada pode não ser fidedigna.

3.3. Semelhanças e diferenças entre respondentes

Apesar de pessoas não-cisgénero hétero poderem ser incluídas nesta pesquisa, nenhum dos entrevistados se apresentou como tal. As orientações sexuais representadas foram apenas *gay*, bissexual e pansexual. No geral, as diferenças entre as respostas apresentadas não são muitas, revelando que a comunidade *queer* age de maneira semelhante nas redes sociais.

Em relação ao conteúdo em RSO com que interagem, três pessoas que não são cisgénero (2 não-binários e 1 transgénero) mencionam experiências pessoais de outras pessoas *queer*, sendo que duas realçam a rede social *Reddit*, em que pertencem a *subreddits* LGBTQ+. O entretenimento é um tópico comum nas RSO para pessoas *gay*, especialmente para homens cisgénero, com quatro pessoas a mencionar o programa *RuPaul's Drag Race* ou *drag queens* (3 homens cisgénero e 1 não-binário). O conteúdo relacionado com ativismo é mencionado por 8 pessoas em 14, de diferentes géneros e orientações sexuais.

Dois homens cisgénero *gay* mencionam que o *YouTube* os ajudou através dos vídeos de pessoas a sair do armário, que validaram as suas experiências. Esta ideia de que as RSO podem ajudar a validar identidades *queer* é mantida por mais 2 entrevistados no espectro não-binário que são bissexuais. Três pessoas bissexuais (1 mulher cisgénero, 1 mulher transgénero, 1 demi-feminina) identificam a possibilidade de conhecer pessoas e experiências fora do contexto em que vivem como uma vantagem das redes sociais, especialmente em ambientes rurais ou religiosos. Estas três pessoas atualmente não residem na localidade onde nasceram.

Cinco pessoas mencionam a importância de não se sentirem sozinhos nas RSO, uma vez que estas permitem criar comunidades ou assistir a outras pessoas que passem pelo mesmo. Estas cinco pessoas distinguem-se entre: 1 não-binário *gay*, 2 mulheres cisgénero bissexuais, 2 não-binários bissexuais. Existe então a possibilidade de que pessoas não-binário ou bissexuais procurem mais não se sentirem sozinhos nas RSO. Duas pessoas não-binárias referem que as RSO permitem combater estigmas. Oito das 14 pessoas entrevistadas consideram que as redes sociais *online* permitem a exploração e consequente construção de identidade *queer*, sendo que 5 desses indivíduos são bissexuais (2 mulheres cisgénero, 1 mulher transgénero, 2 não-binário) e 3 são *gay* (2 homens cisgénero, 1 não-binário).

Em relação à rede social em que se sentem mais confortáveis a partilhar a sua identidade *queer*, todos os respondentes indicaram o *Twitter*, exceto um (homem cisgénero, *gay*), porque considera-se aberto em todas as redes sociais. Isto deve-se principalmente ao facto de não serem seguidos por família (2 homens cisgénero *gay*, 1 não-binário bissexual), serem seguidos por pessoas que sabem que são respeitadoras e compreensivas (2 homens cisgénero *gay*, 1 mulher cisgénero bissexual, 1 mulher transgénero bissexual e 1 não-binário bissexual) ou por serem seguidos por mais pessoas que conhecem pessoalmente noutras RSO (2 mulheres cisgénero bissexuais, 2 homens cisgénero *gay* e 1 não-binário bissexual).

Onze dos participantes consideram que existe uma diferença no que partilham e interagem nas RSO desde que se assumiram ou perceberam que eram *queer*. Este grupo distingue-se em: 5 homens cisgénero *gay*, 2 mulheres cisgénero bissexual, 1 mulher transgénero bissexual, 1 não-binário pansexual, 1 não-binário bissexual e 1 não-binário *gay*. Por outro lado, duas pessoas não-cisgénero (1 homem transgénero e 1 não-binário) não consideram que esta diferença seja notável e 1 mulher cisgénero bissexual refere não conseguir responder à questão, uma vez que não sentiu que existiu um momento definitivo em que percebeu ser *queer*. Todos os participantes referem já ter feito amizades com outras pessoas *queer* através das redes sociais *online*. Dois dos entrevistados (2 homem cisgénero *gay*) contam ter começado relações com pessoas que conheceram *online*, o que sugere que isto é algo mais procurado por homens cisgénero *gay*, comparativamente ao resto da comunidade *queer*.

CAPÍTULO 4

Conclusões

As redes sociais *online* são utilizadas pelos seus utilizadores para manterem contacto com quem já conhecem ou para conhecer novas pessoas. Este fator é particularmente relevante para pessoas *queer*, que nem sempre têm contacto com a comunidade LGBTQ+ fora do universo *online*. Muitas vezes a *Internet* permite as primeiras interações com outras pessoas *queer* com as quais se identificam, especialmente em meios rurais ou cidades pequenas. Ler sobre as experiências da comunidade ajuda a que os indivíduos não se sintam sozinhos. Ao fazer amizades com outras pessoas *queer online*, os entrevistados encontram apoio que nem sempre está disponível *offline*, especialmente enquanto se descobrem. Este é um dos aspetos mais importantes das RSO para os entrevistados. Em linha com as abordagens dos usos e gratificações, descrevem este fenómeno como “gratificante”, uma vez que muitos, ao crescer, não conheciam outras pessoas *queer*. As redes sociais *online* permitiram assim validar o que sentem e quem são.

Os participantes procuram as RSO para encontrarem a sua identidade, tanto em termos de identidade de género e orientação sexual, como em termos de entretenimento associado a estas identidades. Um programa bastante mencionado nas entrevistas foi o *RuPaul’s Drag Race*, um programa sobre *drag queens*. Também foram referidos vídeos do *YouTube* de pessoas *queer* a assumirem-se como tal.

A identidade *queer* molda a forma como se experienciam vários fenómenos, e as redes sociais *online* não são exceção. Ao permitirem restringir partes da identidade consoante a rede social ou ter contas privadas, as RSO transmitem uma segurança aos indivíduos *queer* que nem sempre sentem *offline*. Isto reflete-se na utilização mais livre do *Twitter*, onde os entrevistados referem seguir e ser seguidos por menos pessoas que conhecem pessoalmente, e sempre por pessoas que sabem que não os vão discriminar ou são elas próprias *queer*. A anonimidade, embora outrora fosse um fator relevante na utilização de *Internet*, cada vez tem menos importância na utilização das redes sociais. Apenas uma das entrevistadas contou não relevar a sua identidade numa RSO e atualmente já não sente essa necessidade.

Independentemente do número de seguidores, os indivíduos *queer* sentem uma responsabilidade de partilhar conteúdo ativista, especialmente em relação à comunidade transgénero, que tem sofrido um aumento na discriminação *online*. Numa investigação feita pelo Center for Countering Digital Hate (2023), percebeu-se que o ódio à comunidade LGBTQ+ aumentou no *Twitter* desde que Elon Musk comprou a rede social. O relatório indica como este tipo de discriminação lucra milhões de dólares. Noutro relatório da mesma organização (2023) explicam que tweets que utilizam um *slur* contra pessoas *gay* aumentaram em 58%, enquanto tweets que incluem um *slur* contra pessoas transgéneras subiram em 62%. A organização GLAAD lamenta a sucessão de mortes LGBTQ+ nos EUA, que considera que

não pode ser separada do aumento da “retórica e intimidação de grupos de extrema-direita pessoalmente e online”.

O presente estudo vem contribuir para a lacuna na investigação sobre as representações de identidades *queer* em RSO. Esta comunidade tem vindo a ser cada vez mais objeto de estudo, graças à visibilidade que tem vindo a aumentar, mas nem sempre são incluídas várias identidades de género, particularmente pessoas não-cisgénero, como é o caso de transgénero e não-binário. Como Miller (2017, p. 512) destaca, “a investigação do desenvolvimento da identidade transgénero, tanto geral como relacionada com o uso de redes sociais, é limitada” e quando incluídas, as pessoas transgénero representam uma pequena parte das amostras. Esta dissertação inclui 6 pessoas não-cisgénero, representando cerca de 42% da amostra. Este estudo permite, então, fazer comparações com outras investigações feitas, quer incluam toda a comunidade *queer* ou não, assim como entre as respostas dos participantes.

Embora o presente estudo tente incluir uma variedade de identidades *queer*, devido a tempo e recursos limitados, não foi possível entrevistar pessoas de todas as identidades pretendidas. Os participantes foram todos voluntários encontrados através do *Twitter*. Em projetos futuros, seria interessante incluir pessoas que raramente estão presentes em investigações, como é o caso de indivíduos assexuais ou intersexo. Neste caso, não existiram voluntários que se enquadrassem nessas identidades.

Teria sido benéfico fazer uma segunda entrevista aos participantes com mais questões relevantes para o tema, que permitissem explorar tópicos que surgiram nas respostas das entrevistas com todos os participantes, mas a limitação de tempo não o permitiu. Esta dificuldade poderia ter sido ultrapassada com melhor organização do tempo. De modo a poder entrevistar pessoas de todo o país, e até de fora, as entrevistas foram realizadas por chamada. Embora este seja um meio útil para combater a distância geográfica, a possibilidade de realizar entrevistas pessoalmente poderia possivelmente transmitir mais confiança aos entrevistados e fazê-los mais confortáveis em partilhar as suas experiências. Foi considerado utilizar mais que um método de investigação, mas devido ao tempo limitado e à limitação de páginas da dissertação, esta opção não se verificou viável.

Na possibilidade de fazer outro estudo sobre o papel da identidade *queer* nas representações nas RSO, em que o tempo e recursos não fossem limitados, seria interessante incluir uma amostra maior e da qual fizessem parte pessoas de várias faixas etárias. Deste modo, era possível comparar, não só as diferenças e semelhanças entre as diferentes identidades LGBTQ+, mas também entre idade distintas. Seria igualmente relevante estudar a ligação entre as representações de identidade *queer* de pessoas de cor e perceber de que forma pertencer a várias minorias influencia estas representações. Outra perspetiva de pesquisa possível passaria por utilizar outras metodologias, como a análise de conteúdo em redes sociais *online*. A visibilidade de pessoas *queer* nos media reflete-se na propagação de normas que as protejam. Com o aumento desta visibilidade e do uso das redes sociais *online*, este vai continuar a ser um tema relevante para estudo.

Referências Bibliográficas

- 40 anos da descriminalização da homossexualidade em Portugal em perspectiva. (2022, April 5). Gerador. Acedido a 27 de setembro, 2023, em <https://gerador.eu/40-anos-da-descriminalizacao-da-homossexualidade-em-portugal-em-perspetiva/>
- Abreu, R. L., & Kenny, M. C. (2018). Cyberbullying and LGBTQ youth: A systematic literature review and recommendations for prevention and intervention. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 11, 81-97.
- Ayoub, P. M., & Garretson, J. J. (2016). Getting the message out: media context and global changes in attitudes toward homosexuality. *Comparative Political Studies*, 50(8), 1055–1085. <https://doi.org/10.1177/0010414016666836>
- Boyd, D. M., & Ellison, N. B. (2007). Social Network Sites: Definition, History, and Scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 13(1), 210–230. <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x>
- Center for Countering Digital Hate. (2023). *Toxic Twitter: How Twitter Makes Millions from Anti-LGBTQ+ Rhetoric*. Acedido a 23 de agosto, 2023, em <https://counterhate.com/wp-content/uploads/2023/03/Toxic-Twitter-II-Final-Report.pdf> <https://counterhate.com/wp-content/uploads/2023/03/Toxic-Twitter-II-Final-Report.pdf>
- Chatelain, R. (2022, December 2). Groups: Data shows hate speech on rise on Musk's Twitter. *Spectrum News NY1*. Acedido a 7 de agosto, 2023, em <https://ny1.com/nyc/all-boroughs/technology/2022/12/02/groups--data-shows-hate-speech-on-rise-on-musk-s-twitter>
- Chu, Y. (2017). LGBT representations on facebook: Representations of the self and the content. *Content analysis*. (2023, March 30). Columbia University Mailman School of Public Health. <https://www.publichealth.columbia.edu/research/population-health-methods/content-analysis>
- Cronologia Movimento LGBTQIA+ (Portugal). (2023, April 22). Já Marchavas. Acedido a 8 de julho, 2023, em <https://jamarchavas.pt/cronologia-movimento-lgbtqia-portugal/>
- D. Fearon, J. (1999). *What Is Identity (As We Now Use The Word)?* Stanford University.
- Data Reportal, We Are Social, & Meltwater. (2023). *Digital 2023 July Global StatShot Report*. Acedido a 10 de agosto, 2023, em <https://datareportal.com/reports/digital-2023-july-global-statshot>
- Enli, G., & Thumim, N. (2012). Socializing and Self-Representation online: Exploring Facebook. *Observatorio (OBS*)*, 6(1), 87–105. <https://doi.org/10.15847/obsobs612012489>
- Escalating violence aimed at LGBTQ community. (2023, August 1). GLAAD. Acedido a 9 de julho, 2023, em <https://glaad.org/escalating-violence/>
- Flick, U., Von Kardoff, E., & Steinke, I. (2004a). What is Qualitative Research? An Introduction to the Field. Em *A Companion to Qualitative Research* (1ª ed., pp. 3–12). SAGE Publications.
- GLAAD. (2023, May 1). *Glossary of Terms: LGBTQ | GLAAD*. Acedido a 9 de julho, 2023, em <https://glaad.org/reference/terms/>

- Global Social Media Statistics*. (2023). DataReportal. Acedido a 5 de junho, 2023, em <https://datareportal.com/social-media-users>
- Glossary*. (n.d.). Trans Youth Equality Foundation. Acedido a 10 de Agosto, 2023, em: <http://www.transyouthequality.org/glossary>
- Goffman, E. (1963). *Stigma: Notes on the management of spoiled identity*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Gündüz, U. (2017). The Effect of Social Media on Identity Construction. *Mediterranean Journal of Social Sciences*, 8(5), 85–92. <https://doi.org/10.1515/mjss-2017-0026>
- Hopf, C. (2004). *Qualitative Interviews: An Overview*. In *A Companion to Qualitative Research*. SAGE Publications.
- ILGA Europe. (2023). *Annual Review Of The Human Rights Situation Of Lesbian, Gay, Bisexual, Trans, And Intersex People In Portugal Covering The Period Of January To December 2022*. Acedido a 7 de junho, 2023, em <https://www.rainbow-europe.org/annual-review>
- ILGA Portugal. (2020). *Relatório Anual 2019: Discriminação contra pessoas LGBTI+*. Acedido a 6 de maio, 2023, em https://ilga-portugal.pt/ficheiros/pdfs/observatorio/ILGA_Relatorio_Discriminacao_2019.pdf
- Ipsos. (2023). *LGBT+ Pride 2023: A 30-Country Ipsos Global Advisor Survey*. Acedido a 9 de agosto, 2023, em <https://www.ipsos.com/sites/default/files/ct/news/documents/2023-05/Ipsos%20LGBT%2B%20Pride%202023%20Global%20Survey%20Report%20-%20rev.pdf>
- Knott, E., Rao, A. H., Summers, K., & Teeger, C. (2022). Interviews in the social sciences. *Nature Reviews Methods Primers*, 2(1). <https://doi.org/10.1038/s43586-022-00150-6>
- Michelson, M. R. (2019). The Power of Visibility: Advances in LGBT rights in the United States and Europe. *The Journal of Politics*, 81(1), e1–e5. <https://doi.org/10.1086/700591>
- Miller, R. A. (2017). “My Voice Is Definitely Strongest in Online Communities”: Students Using Social Media for Queer and Disability Identity-Making. *Journal of College Student Development*, 58(4), 509–525. <https://doi.org/10.1353/csd.2017.0040>
- Ngai, E. W., Tao, S. S., & Moon, K. K. (2015). Social media research: Theories, constructs, and conceptual frameworks. *International Journal of Information Management*, 35(1), 33–44. <https://doi.org/10.1016/j.ijinfomgt.2014.09.004>
- Queirós, A., Faria, D., & Almeida, F. (2017). Strengths And Limitations of Qualitative And Quantitative Research Methods. *European Journal of Education Studies*. <https://doi.org/10.46827/ejes.v0i0.1017>
- Quivy, R., & Van Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais* (2ª ed.). Gradiva.
- Rede Ex Aequo. (2023). *Guia sobre Saúde e Leis Trans em Portugal*. Acedido a 5 de abril, 2023, em <https://rea.pt/imgs/uploads/guia-trans-2023.pdf>

- Serrano, A. S. (2016). “*O individuo homossexual e a utilização de redes sociais online: a (re)construção da(s) identidade(s)*” [Dissertação de mestrado]. ISCTE-IUL.
- Silva, J. S. (2023, May 11). Portugal deixa o “top 10” do ranking de direitos das pessoas LGBTQ. *PÚBLICO*. Acedido a 5 de abril, 2023, em <https://www.publico.pt/2023/05/11/p3/noticia/portugal-deixa-top-10-ranking-direitos-pessoas-lgbtq-2049169>
- Szulc, U., & Dhoest, A. (2013). The Internet and sexual identity formation: Comparing Internet use before and after coming out. *Communications*, 38(4). <https://doi.org/10.1515/commun-2013-0021>
- Varjas, K., Meyers, J., Kiperman, S., & Howard, A. (2013). Technology hurts? Lesbian, gay, and bisexual youth perspectives of technology and cyberbullying. *Journal of School Violence*, 12(1), 27-44.
- Wiederhold, B. K. (2014). Cyberbullying and LGBTQ youth: A deadly combination [Editorial]. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(9), 569–570. <https://doi.org/10.1089/cyber.2014.1521>
- Wood, M. A., Bukowski, W. M., & Lis, E. (2015). The Digital Self: How Social Media Serves as a Setting that Shapes Youth’s Emotional Experiences. *Adolescent Research Review*, 1(2), 163–173. <https://doi.org/10.1007/s40894-015-0014-8>
- Zhao, S., Grasmuck, S., & Martin, J. (2008). Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. *Computers in Human Behavior*, 24(5), 1816–1836.

Anexo A

Guião de entrevista

1. Qual a tua orientação sexual e identidade de género?
2. Quais são os conteúdos LGBTQ+ com que costumavas interagir online?
3. De que maneira é que achas que as redes sociais online podem ser úteis no processo perceber a própria identidade queer?
4. Qual é o tipo de conteúdo relacionado com a comunidade LGBTQ+ que publicas, se existir algum?
5. Qual a rede social que mais utilizas?
6. Em que rede social online é que tens mais abertura em relação à tua identidade queer?
 - 6.1. Porquê nessa rede social especificamente?
7. Consideras que existe uma diferença no conteúdo que partilhas e com que interagias antes e depois de te assumires ou perceberes que eras queer?
8. Já formaste amizades com outros indivíduos queer através das redes sociais online?